



Quando você  
usa sementes Dylla,  
os resultados  
falam por si.



mcgarrybowen



© Syngenta, 2016.

**c.a.s.a.**  
0800 704 4304

[www.syngenta.com.br](http://www.syngenta.com.br)



**TSWV**

Tomato  
Spotted  
Wilt Virus  
(vira-cabeça)



**TYLCV**

Tomato  
Yellow Leaf  
Curl Virus  
(geminivirus)



**F3**

Fusarium  
Oxysporum  
Lycopersici  
Race 3



**Sementes Dylla.**  
Inovação,  
produtividade  
e resistência  
sob medida.

 **Dylla**

**syngenta.**





Lucas Conceição Araújo



Laís Ribeiro da Silva Marcomini



Isabela Silva dos Santos



Marina Morato Jorge Nastaro



Laleska Rossi Moda



João Paulo Bernardes Deleo



Jair de Souza Brito Junior



Letícia Julião



Lenise Andresa Molena



Mariana Santos Camargo



Caroline Ribeiro



Isabela Costa



Giulia Gobbo Rodrigues



Victor Massaki Nakaguchi



Guilherme Giordano Paranhos



Bianca Pan dos Santos



Mariane Novais Olegário de Souza



Emanuel Pereira Lima Filho



@revistahortifrutibrasil



hfbrasil.org.br



Hortifruti Brasil



@hfbrasil





Larissa Gui Pagliuca



Renato Garcia Ribeiro



Ana Clara Souza Rocha



Marcela Guastalli Barbieri



Margarete Boteon



Mariana Coutinho Silva



Rogério Bosqueiro Junior



Carolina Camargo Nogueira Sales



Fernanda Geraldini Palmieri



Daiana Braga

19 99128.1144

## COMUNIDADE HORTIFRÚTI INTEGRADA EM 2017

**A**lém de informar o setor, em 2017, a **Hortifruti Brasil** quer integrar cada vez mais toda a comunidade hortifrutícola na rede. Em março de 2016, um grande passo já foi dado: o lançamento do site da HF Brasil ([www.hfbrasil.org.br](http://www.hfbrasil.org.br)), com conteúdo bastante demandado pelos leitores: informações diárias e atualizadas dos mercados de frutas e hortaliças, disponibilidade inédita de toda a série histórica de preços das 13 culturas que acompanhamos e muito mais.

Em 2017, toda a equipe da **Hortifruti Brasil** vai continuar trabalhando para que a informação circule na rede até chegar a você, permitindo que fique por dentro de tudo que acontece nos mercados de frutas e hortaliças. Fica à disposição qual o melhor formato para você acompanhar a **Hortifruti Brasil!** Por meio das redes sociais (Facebook: @revistahortifrutibrasil e Twitter: @hfbrasil), pelo site, pelos vídeos (canal no Youtube: Hortifruti Brasil), WhatsApp (19 9 9128 1144), além da revista impressa.

Convidamos você a ter um papel atuante nesta empreitada, fazendo seus comentários em nosso site (que já está de cara nova!), compartilhando as informações da HF na rede e assistindo aos nossos vídeos.

Compartilhe! Curta! Assista! Engaje-se nesta empreitada com a **Hortifruti Brasil** em 2017!

## Plataforma on-line na França conecta produtores a consumidores



Por Daiana Braga

Uma iniciativa do governo da França conecta produtores de alimentos com os consumidores on-line. O e-commerce (site de comércio on-line) Agrilocal, criado em 2014, além de aquecer o mercado da região de Haute-Saône, também tem melhorado a merenda em várias escolas da rede pública. O Agrilocal funciona semelhante aos sites de venda de eletrônicos e vestuários. Só que as mercadorias são alimentos de produtores rurais que vivem na região francesa. O comprador faz seu cadastro gratuito no Agrilocal, lança seu pedido e aguarda os fornecedores interessados e aptos em atendê-lo. A maioria dos cadastrados no sistema é escola pública, mas o governo pretende ampliar para outros potenciais compradores, como casa de repouso e hospitais, uma vez que há baixo giro de vendas durante as férias escolares. A criação deste canal de comercialização faz parte de uma estratégia do governo francês para reforçar o emprego no campo, melhorar a competitividade dos produtos da agricultura familiar e acompanhar o desenvolvimento das cadeias produtivas, especialmente a de orgânicos. Conheça melhor o Agrilocal no site (em francês): <http://www.agrilocal.fr/>

## Indústrias de suco de laranja devem pagar R\$ 301 mi por formação de cartel



Por Caroline Ribeiro

As grandes indústrias de processamento de laranja de São Paulo deverão pagar, juntas, R\$ 301 milhões ao Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica), após admitirem a formação de cartel no mercado nacional de aquisição de laranja. O montante é o maior acordo já feito junto ao órgão e, segundo noticiado na imprensa, será recolhido para o Fundo de Defesa dos Direitos Difusos (FDD). A investigação se estendia desde 1999 e chegou a ser questionada e suspensa judicialmente. O fim da investigação se deu com a assinatura de acordos por parte da Cutrale, Citrovita, Coinbra (atual Louis Dreyfus Company), Fisher (Citrosuco), Cargill, Bascitrus e a Abecitrus (antiga associação representante das indústrias). Além destas companhias, nove pessoas físicas também assinaram o acordo. Apesar de o valor não ser destinado aos produtores e suas associações, citricultores acreditam que a admissão de ação ilegal (cartel) para a compra da laranja pode permitir ações indenizatórias para as entidades dos produtores.

## A HF Brasil por aí

### Participação da equipe da Hortifruti Brasil nos eventos do setor

No dia 08 de novembro a pesquisadora do Cepea Prof. Margarete Boteon participou da Convenção Abras 50 Anos, em São Paulo (SP), realizada pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras). Margarete participou do Bloco do Conhecimento – FLV com a palestra "Como a cadeia de suprimentos de FLV pode priorizar 'qualidade'?", contribuindo, junto com outros especialistas convidados, com novas ideias que podem ser convertidas em ações estratégicas para o varejo.



No dia 23 de novembro, os pesquisadores Larissa Pagliuca e João Paulo Deleo participaram do 8º Congresso Brasileiro de Tomate Industrial em Goiânia (GO). Larissa foi convidada para participar da mesa redonda "Panorama Global e Local do Setor de Tomate para Indústria", palestrando sobre o tema "Tendências de Consumo de Atomatados 2015/16". Já Deleo apresentou os resultados do levantamento de custo de produção de tomate para indústria em Goiás, realizado pelo Cepea em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).



A pesquisadora do Hortifruti/Cepea Leticia Julião esteve em Santa Catarina nos dias 17 e 18 de novembro, participando de uma jornada técnica sobre a cultura da banana. A convite da Yara Fertilizantes, a pesquisadora ministrou a palestra "Perspectivas do mercado de Banana" em Jacinto Machado no dia 17 e em Massaranduba no dia 18. Nos dois dias, o evento contou com a presença de muitos bananicultores e técnicos locais.





## Anvisa divulga indicador com nível de agrotóxicos em frutas e hortaliças

Por Leticia Julião e Margarete Boteon

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) divulgou no final de novembro o relatório do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA). Foram analisadas 12.051 amostras pela Anvisa coletadas nos supermercados de capitais do Brasil. A metodologia de apuração do Programa mostrou dois avanços importantes para avaliar a segurança das frutas e hortaliças, como a divulgação de um indicador que avalia o risco de intoxicação para o consumidor e também a separação do nível de resíduos químicos dos alimentos entre os defensivos registrados ou não para a cultura. A **Hortifruti Brasil** ressalta a importância da pesquisa e dos resultados como base para auxiliar nos desafios de tornar cada vez mais seguro os alimentos consumidos por nós. Leia na íntegra o conteúdo que preparamos exclusivamente para o nosso site ([tinyurl.com/alimentoseguro](http://tinyurl.com/alimentoseguro)), incluindo um *ranking* das amostras com potencial de risco analisadas.



Agatha Mel Ferraz - Socorro (SP)



Daniel Abrahão - Bom Jesus do Itabapoana (RJ)



Andre Jantsch - Bom Jesus da Lapa - BA



Gabriel Rech - Caxias do Sul (RS)



Bruna Ferreira - Brasília (DF)



Augusto e Giulia Dalle Luche Bedelegue - São Miguel Arcanjo (SP)

Valorize seu pequeno na agricultura!



Foi um sucesso a campanha "Valorize seu pequeno na agricultura", com fotos de crianças enviadas pelos nossos leitores! A campanha, iniciada em outubro passado, será estendida nas próximas edições!

Quer ver a foto do seu pequeno na revista? Então tire uma foto dele e mande para nós para o e-mail [hfcepea@usp.br](mailto:hfcepea@usp.br) ou pelo WhatsApp (19) 99128.1144!



# GESTÃO INTEGRADA DE FAZENDAS



Atualmente o produtor se depara com diversas situações que não consegue controlar...



...mas por outro lado há um fator que ele pode controlar e tem deixado de lado

## A GESTÃO DE SUA PROPRIEDADE

O curso oferece ao aluno uma visão sistêmica para a integração de todos os setores envolvidos na gestão de uma fazenda.

**INSCREVA-SE EM** (19) 3375.4250  
**PECEGE.ORG.BR** (19) 99948.4769



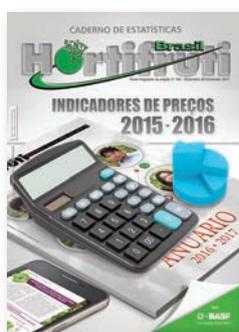
## ÍNDICE

### ANUÁRIO



A retrospectiva de 2016 e as principais projeções para 2017 dos HFs estão nesta edição, confira!

### CADERNO DE ESTATÍSTICAS



Consulte a série mensal de preços de 2015 e 2016 de 13 culturas.

### SEÇÕES

<b>TOMATE</b>	<b>14</b>
<b>FOLHOSAS</b>	<b>18</b>
<b>CENOURA</b>	<b>20</b>
<b>BATATA</b>	<b>24</b>
<b>CEBOLA</b>	<b>28</b>
<b>MELÃO</b>	<b>32</b>
<b>CITROS</b>	<b>34</b>
<b>MELANCIA</b>	<b>38</b>
<b>MAMÃO</b>	<b>40</b>
<b>MAÇÃ</b>	<b>42</b>
<b>MANGA</b>	<b>44</b>
<b>BANANA</b>	<b>46</b>
<b>UVA</b>	<b>48</b>

### HF BRASIL NA REDE



**Hf** [www.hfbrasil.org.br](http://www.hfbrasil.org.br)

19 99128.1144

**Hortifruti Brasil**

@revistahortifrutibrasil

@hfbrasil

### ERRATA

Na Seção de cenoura da edição de novembro (nº 162, página 25), no primeiro texto "Preço pode voltar a reagir em dezembro", a produtividade correta é em caixas de 29 kg/ha, e não toneladas por hectare conforme informado.

### EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP  
ISSN: 1981-1837

#### Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

#### Editora Científica:

Margarete Boteon

#### Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Deleo, Leticia Julião, Larissa Gui Pagliuca e Fernanda Geraldini Palmieri

#### Editora Executiva:

Daiana Braga MTb: 50.081

#### Diretora Financeira:

Margarete Boteon  
Alessandra da Paz MTb: 49.148

#### Revisão:

Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Nádia Zanirato e Paola Garcia Ribeiro Miori

#### Equipe Técnica:

Ana Clara Souza Rocha, Bianca Pan dos Santos, Carolina Camargo Nogueira Sales, Caroline Ribeiro, Emanuel Pereira Lima Filho, Fernanda Geraldini Palmieri, Giulia Gobbo Rodrigues, Guilherme Giordano Paranhos,

Isabela Costa, Isabela Silva dos Santos, Jair de Souza Brito Junior, Laís Ribeiro da Silva Marcomini, Laleska Rossi Moda, Lenise Andresa Molena, Lucas Conceição Araújo, Marcela Guastalli Barbieri, Mariana Coutinho Silva, Mariana Santos Camargo, Mariane Novais Olegário de Souza e Rogério Bosqueiro Junior.

#### Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

#### Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda  
19 3524-7820

#### Impressão:

www.graficamundo.com.br

#### Contato:

Av. Centenário, 1080  
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)  
Tel: 19 3429-8808  
Fax: 19 3429-8829  
hfcepea@usp.br  
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

## Quais práticas ou ferramentas de gestão você adota em seu negócio?



Boas práticas e custos são duas importantes ferramentas de gestão. Se não os tivermos, é o mesmo que estarmos em um “voos cego”, sem instrumentos. Algumas das formas para se reduzir os gastos são aumentar a produtividade e produção por funcionário, ter equipes multitarefas que conheçam e atuem em várias frentes de trabalho, treinamentos constantes, união e trabalho em equipe. Sempre tivemos o conceito de qualidade em nosso trabalho, muito antes

mesmo de se falar em certificações, selos e outros produtos da qualidade. É de fundamental importância que o produtor tenha boas práticas em seu dia a dia de trabalho, sem isso, dificilmente conseguirá obter qualidade e resultado positivo.

**João Luiz Marques da Silva – São Paulo/SP**

O *Especial Frutas* é um bom referencial para planejamento de produção. Não sou produtor, mas acredito que uma alternativa para redução dos custos na fruticultura é ter, de forma eficiente, os indicadores técnicos que interferem a produtividade. É fundamental a relação entre os indicadores agrônômicos e as gestões administrativas e operacionais da atividade.

**Luiz Felipe Cavallari – Araraquara/SP**

Aposto na produção de mudas enxertadas e investir em estufas para reduzir os custos em minha propriedade. Em termos de ferramentas de gestão, faço controle dos custos de produção em planilhas de excel.

**Ademir Moribe – Maringá/PR**

Produzo banana nanica no Paraná. Para ter uma boa gestão em minha propriedade, tenho feito acordo com os empregados, trabalhamos em cooperação e procuro estar atenta aos preços, sendo correta com meus clientes.

**Elizabete Palmonari – Santana do Itararé/PR**

Achei a matéria muito bem elaborada, trabalhada e esclarecedora. Pretendo colocar em prática alguns exemplos propostos no *Especial Frutas*.

**Hamilton José Bernussi – Jundiá/SP**

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse [www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade), faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

### ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

**Hortifruti Brasil** - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)  
ou para: [hfcepea@usp.br](mailto:hfcepea@usp.br)

## Hortifruti Brasil no WhatsApp



A **Hortifruti Brasil** está no WhatsApp! Neste aplicativo, você pode entrar em contato conosco e também nos enviar fotos para publicarmos na revista! Para isso, basta nos enviar fotos de sua produção, nome e região!

Veja o que nossos leitores nos enviaram!

19 **99128.1144** ✓

*Sávio Cazelli Torezani - Pinheiros (ES)*



*Sidney Luiz dos Santos - Eldorado (MS)*



*Celso Ricardo Coura de Castro - Marmelópolis (MG)*



*Edgar Alberto Favarin - Bituruna (PR)*



# ANUÁRIO 2016-2017

## PRECISA-SE DE MAIS CONSUMIDORES EM 2017!

Por Fernanda Geraldini Palmieri, João Paulo Bernardes Deleo, Larissa Gui Pagliuca, Letícia Julião e Margarete Boteon

### PRINCIPAIS FATORES QUE AFETAM O SETOR DE HF



As pirâmides acima relatam os fatores-chaves (o topo da pirâmide é o principal) que afetaram o setor de HF em 2015 e 2016 e as perspectivas para 2017.



**2015**

O clima prejudicou a produtividade do setor de frutas e hortaliças. Os destaques foram o excesso de chuva no Sul do País e a forte estiagem no Nordeste. Além disso, a alta dos insumos por conta da valorização do dólar e o crédito escasso e mais caro também limitaram os investimentos em 2015. Diante desse cenário, o impacto negativo do consumo foi amenizado pela oferta mais restrita.



**2016**

Apesar de o reajuste dos insumos já ter ocorrido em 2015, o repasse do câmbio nos preços dos insumos foi integral em 2016. Os gastos também foram impulsionados pela queda na produtividade, por conta do clima desfavorável. No segundo semestre, a diminuição do consumo ficou mais evidente com a expansão da oferta de frutas e hortaliças. O crédito ainda continuou restrito, mas o setor já contava com melhores alternativas frente a 2015.



**2017**

O cenário econômico não deve ser muito diferente dos anos anteriores, visto que a retomada da economia deve ser mais lenta que o previsto. Consequentemente, o bolso do consumidor pode continuar apertado. A perspectiva de maior oferta em 2017 vai demandar um aumento do consumo, para evitar excedentes de produção. A perspectiva positiva é que os custos não devem ter novas altas devido a melhora na produtividade e preços estáveis dos insumos.

## CENÁRIO HF

### RETROSPECTIVA 2015 & 2016

#### ► "Crise afeta consumo, mas impacto no setor de HF foi menor"

Apesar de os dois anos consecutivos de queda no PIB brasileiro (2015 e 2016) terem afetado o poder de compra do consumidor brasileiro, o setor de frutas e hortaliças sentiu parcialmente o impacto desse enfraquecimento na demanda. Isso porque o clima desfavorável reduziu a produtividade na roça, diminuindo fortemente a oferta de muitas frutas e hortaliças e, conseqüentemente, elevando os preços desses produtos.

#### ► Crise influencia alta nos custos e restringe o crédito

A crise neste período influenciou a elevação nos custos e a disponibilidade de crédito ao produtor. A queda de produtividade e o aumento dos insumos (por conta da alta do dólar) elevaram o custo médio das frutas e hortaliças. Estima-se que o custo tenha aumentado em torno de 30% (por hectare) em 2016 frente a 2015. Dependendo da redução da produtividade, alguns hortifrúteis apresentaram reajuste de mais de 50% nos custos de produção por unidade produzida em 2016 em relação a 2015.

### PERSPECTIVAS

#### ► Precisa-se de mais consumidores em 2017!

As projeções a seguir indicam que a economia deve se recuperar mais lentamente que o previsto inicialmente, enquanto a oferta de HFs pode aumentar em 2017, devido à possibilidade de um clima mais favorável. Esse cenário pode resultar em excedente de oferta, pressionando os valores das frutas e hortaliças. A rentabilidade, por sua vez, pode ficar comprometida caso o aumento na produtividade não reduza o gasto por unidade produzida e/ou o consumo não se eleve.



*Editores econômicos da Hortifruti Brasil.*

## CENÁRIO ECONÔMICO

### RECUPERAÇÃO SÓ EM 2018

► Desde 2015 a economia brasileira tem apresentado desempenho negativo e enfraquecido o poder de consumo. A estimativa é que o Produto Interno Bruto (PIB) recue 7% nestes últimos dois anos. Para 2017, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estimou crescimento de 0,5% para o Brasil, enquanto o Banco Central (BC) projetou crescimento de 0,8%. Por enquanto, o Fundo Monetário projeta que os índices de desemprego continuam ruins para 2017: em 11,5%. Todos esses indicadores mostram que uma maior retomada de consu-

mo só deve ocorrer no médio prazo, a partir de 2018. A projeção para 2018 é de crescimento de 2,5% da economia brasileira, segundo o BC.

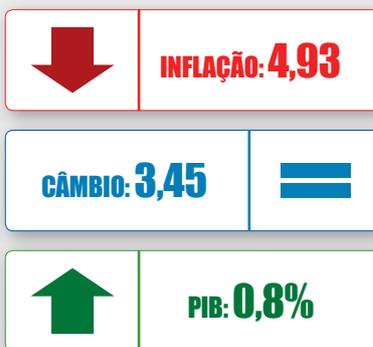
**Razões da lentidão da retomada do crescimento:** elevado endividamento e dificuldade de captar investimento do setor privado, crise fiscal nos estados e no governo federal, juros altos, ambiente político interno conturbado e aumento da volatilidade dos mercados com a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos.

## CENÁRIO ECONÔMICO

### CÂMBIO

A alta volatilidade externa, por conta das eleições presidenciais nos Estados Unidos, deve manter o Real desvalorizado em 2017. Tudo indica que uma possível política mais expansionista do governo norte-americano para 2017 leve o Banco Central daquele país a aumentar, enfim, as taxas de juros e, conseqüentemente, a inibir valorização de moedas de países emergentes, como o Brasil. A aposta para 2017 é de câmbio a R\$ 3,45 (Banco Central, 02/12/2016).

### PREVISÃO 2017



Boletim Focus: 02/12/2016

### INFLAÇÃO & JUROS

A retração econômica nos últimos dois anos está desacelerando o ritmo de crescimento da inflação. E, salvo choques de oferta negativos, a inflação deve convergir para o centro da meta em 2017 e 2018. Isso mostra que os juros no Brasil podem recuar em uma velocidade maior em 2017. A projeção do Boletim Focus é de uma taxa de juros de 10,5% em dezembro de 2017.

## CLIMA

### PREVISÃO APONTA REGIME DE CHUVAS TÍPICO EM 2017

#### ► *La Niña* fraco em 2017:

As últimas estimativas indicam que o fenômeno *La Niña* ainda deve ocorrer no Brasil, mas em baixa intensidade, tendo maior atuação apenas no auge do verão 2016/17. A maior preocupação para 2017 é com o Nordeste. Meteorologistas apontam que, mesmo que chova dentro ou um pouco acima da média do Nordeste, a bacia do rio São Francisco continuará com vazão inferior à média histórica, persistindo a situação de déficit hídrico. Do mesmo modo, devem continuar os efeitos decorrentes da seca prolongada na parte norte do semiárido nordestino, onde está a região de Mossoró (RN). No Sul e Sudeste, as chuvas devem ficar dentro da normal climatológica.

## BALANÇA COMERCIAL

### EXPORTAÇÕES SEGUEM ATRATIVAS EM 2017

EXPORTAÇÃO

**2017:** Mesmo com todas as incertezas quanto ao câmbio para 2017, além da forte estiagem no Nordeste, a fruticultura exportadora ainda apresenta cenário promissor, por conta do dólar atrativo e da baixa demanda doméstica por fruta de maior valor. Se a produção brasileira de fruto qualidade se mantiver firme, os envios devem seguir aquecidos em 2017.

**2016:** O dólar elevado reduziu os preços e a receita em moeda norte-americana, mas elevou o valor e o montante recebido em Reais. A perspectiva é que o volume enviado em 2016 apresente ligeiro aumento, favorecido principalmente por novos demandantes externos.

IMPORTAÇÃO

**2016 & 2017:** A tendência é de recuo tanto em 2016 quanto 2017, por conta da fraca demanda doméstica e do dólar valorizado. Em 2016, as projeções de queda estiveram atreladas ao menor volume de compras de pera e de uva. As frutas mais promissoras para 2017 são aquelas que podem completar a safra doméstica. Este é o caso da maçã que, em 2016, teve incremento nas importações, devido aos preços internos elevados e, dependendo da perspectiva de quebra de safra em 2017, pode registrar nova alta nas compras externas.

## RETROSPECTIVA 2016 & VERÃO 2016/17

### HORTALIÇAS

Em relação às estimativas para a área em 2016 e verão 2016/17, as pesquisas do Projeto Hortifruti/Cepea indicam aumento de 3,4% frente ao mesmo período do ano anterior. Para batata, cebola, cenoura e tomate industrial, houve aumento nos investimentos. A **batata** foi a que mais ampliou, por conta do aumento da expansão industrial (batata pré-frita congelada) no País. Em **cenoura**, foram observados novos entrantes no mercado, que impulsionaram a área. Em **cebola**, as perspectivas positivas dos anos anteriores elevaram a área em 2016. Quanto à **alface**, a área no cinturão verde de São Paulo continua estável. O **tomate** de mesa teve recuo em regiões importantes produtoras, por conta da baixa rentabilidade do inverno anterior. A perspectiva é de estabilidade da área de tomate de mesa no verão 2017/18 frente à temporada anterior.

### FRUTAS

Para 2016, a área geral de frutas deve ter leve queda de 0,6% frente à de 2015. Para **banana**, deve haver aumento em Delfinópolis (MG) e no Vale do São Francisco, mas não deve compensar a forte queda do Rio Grande do Norte/Ceará, onde a falta de água para irrigação pressionou a área. Para a **manga**, a previsão é de aumento de área no Interior de SP, Norte de MG e recuperação da área em Livramento de Nossa Senhora (BA), reduzida pela seca das últimas quatro safras. Os investimentos em área para essas culturas deverão compensar em parte a queda prevista para **melão** (Vale do São Francisco), **mamão** (Norte de MG e Espírito Santo), **uva** (São Paulo e Paraná) e **melancia**. Para esta última cultura, é prevista redução no Rio Grande do Sul, Tocantins e na safrinha de São Paulo, por conta de dificuldades climáticas e da baixa rentabilidade no ano anterior - sobretudo no Sul.

### ÁREA DOS HORTIFRÚTIS EM 2015 E 2016 (EM HECTARES)

Culturas	2015*	2016**	% (2016/2015)
Batata	101.350	107.340	5,91%
Tomate de mesa	19.237	18.674	-2,93%
Tomate indústria	18.439	18.724	1,55%
Cebola	46.046	48.070	4,4%
Cenoura	15.317	15.821	3,29%
Alface	41.505	41.505	0,00%
Banana	80.118	79.535	-0,73%
Maçã	32.747	32.547	-0,61%
Mamão	15.325	13.805	-9,92%
Manga	49.749	52.392	5,31%
Melancia	36.759	36.217	-1,47%
Melão	14.620	13.700	-6,29%
Uva de mesa	24.855	24.077	-3,13%
<b>TOTAL</b>	<b>496.066,17</b>	<b>502.406,63</b>	<b>1,28%</b>
<b>ÁREA POR GRUPO</b>			
<b>HORTALIÇAS</b>	241.893,57	250.133,63	3,41%
<b>FRUTAS</b>	254.172,60	252.273,00	-0,75%

**Obs:** As estimativas de produção da equipe Hortifruti/Cepea baseiam-se em levantamentos amostrais, obtidos a partir do contato com agentes do setor nas principais regiões produtoras. Refletem, portanto, apenas a área das regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea.

\* 2015: Considera-se a temporada de verão 2015/16.

\*\* 2016: Considera-se a temporada de verão 2016/17.

## ALTA NOS CUSTOS LIMITA RENTABILIDADE EM 2016

### Números do TOMATE em 2016

# 10%

**Redução da área de Araguari (MG) frente 2015**

# R\$ 71,19 /CX

**Maior preço médio do ano do salada AA ao produtor (janeiro)**

# -70%

**Queda do preço do salada AA ao produtor (fevereiro sobre janeiro)**

# 12%

**Aumento do custo de produção (janeiro a novembro/16 frente 2015)**

### Safra de verão 2016/17 deve ter nova queda na área de tomate

O levantamento do Hortifruti/Cepea para a safra de verão 2016/17 indica retração de 3% na área de tomate a ser cultivada frente à temporada 2015/16, quando já houve redução. Os menores investimentos devem ocorrer nas regiões de Reserva (PR) e Itapeva (SP). Na região paranaense, a queda é de 13%, uma vez que o excesso de chuva e à baixa temperatura geraram problemas na germinação das sementes para produção de mudas. Já na região paulista, o recuo de 11% se deve à redução do financiamento das lavouras. Por outro lado, em Nova Friburgo (RJ) e Caçador (SC) a área pode aumentar 8% e 2%, respectivamente, pois os altos preços no início da temporada 2015/16 animaram produtores. Nas demais regiões, a área tende a se manter. Contudo, caso não chova o suficiente no Agreste Pernambucano e em Ibimirim (PE), ainda há chance de alterações. A colheita da safra 2016/17 se iniciou em novembro. Até o início de dezembro, a preocupação tem sido nas lavouras do RS e SC, devido às baixas temperaturas, chuvas constantes e granizo. Em Caxias do Sul, por exemplo, as primeiras lavouras a serem colhidas em dezembro podem ter baixa produtividade e qualidade insatisfatória. Já no Sudeste, a produtividade da temporada pode ser favorecida pelo clima "típico" de verão. No geral, caso a previsão de área e de clima se confirmem, a oferta no verão 2016/17 deverá ser mais regular em comparação à 2015/16, que iniciou com baixo volume de tomate e encerrou com o mercado saturado, o que impactou fortemente nos preços. De janeiro para fevereiro de 2016, a caixa de tomate salada AA teve desvalorização de 70% na lavoura, que passou na média de R\$ 71,19, maior preço do ano, para R\$

41,92. Mesmo assim, a rentabilidade na temporada 2015/16 fechou positiva. Entre novembro/15 e maio/16, o preço médio ponderado da caixa foi de R\$ 40,35, enquanto o valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura ficou em R\$ 28,03/cx, considerando uma produtividade de 3.481 cx/ha, custo 15% acima do registrado no mesmo período de 2014/15.

### Safra de inverno 2016 termina com rentabilidade mais apertada

Enquanto a previsão é de recuo de 2% na primeira parte da safra de inverno 2016, a segunda parte pode ter incremento de 10% frente a temporada 2015. A maior parte das regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea teve área estável. Contudo, em Araguari (MG) foi confirmada a previsão de área 10% menor, devido ao saldo negativo em 2015 e às dificuldades para obtenção de crédito em 2016. Em Sumaré (SP), produtores até aumentaram a área da primeira parte da safra, como era previsto, porém, após perdas por conta de chuvas volumosas no primeiro semestre, a área colhida na primeira parte da safra fechou 4% menor. Para a segunda parte, houve expressivo aumento de 79% na tentativa de recuperar os prejuízos anteriores. A colheita de inverno se iniciou em fevereiro e ganhou força entre março e maio, por conta de adiantamento do plantio e do ciclo, devido ao forte calor. Assim, de fevereiro a novembro os preços ficaram 12% inferiores aos do mesmo período de 2015. Por outro lado, os custos de produção estiveram 12% maiores na mesma comparação, devido ao aumento nos valores dos insumos e à maior necessidade de tratamentos fitossanitários com as chuvas mais intensas. Desta forma, apesar da rentabilidade ter sido positiva na média

# Thaíse

Tomate Salada Determinado F3

F1

Destaques:

Multivírus + F3, qualidade dos frutos

Resistências/Tolerâncias: Vd, F3, ToMV, TYLCV, TSWV, Ma, Mi, Mj

WINNERS  
OS PRODUTOS VENCEDORES

 **FELTRIN**<sup>®</sup>  
SEMENTES

(54) 2109.4444  
[www.sementesfeltrin.com.br](http://www.sementesfeltrin.com.br)

**Mariana Santos Camargo (esq.),  
Jair de Souza Brito Junior e Lenise Andresa Molena**  
são analistas de mercado de TOMATE.  
Entre em contato: [hftomate@cepea.org.br](mailto:hftomate@cepea.org.br)  
Acesse: [hfbrasil.org.br/tomate](http://hfbrasil.org.br/tomate)



do período (21%), os resultados ficaram abaixo do registrado em 2015. Em alguns meses, inclusive, o produtor chegou a ficar com rentabilidade negativa. No Norte do Paraná, por exemplo, a chuva e o frio trouxeram problemas de requeima, assim como as geadas causaram queda na qualidade, o que desvalorizou os frutos da região. Assim, na temporada 2016, o preço da caixa de tomate no PR esteve 10,96% menor que o custo. Já em Mogi Guaçu (SP), mesmo com a produtividade média inferior ao do ano passado, as cotações estiveram 69,17% acima do custo estimado para se produzir uma caixa de tomate. A expectativa inicial para a primeira parte da safra de inverno 2017 é de aumento de 1% na área, impulsionado principalmente por Sumaré. Porém, como o plantio se inicia em janeiro/17, esta estimativa ainda pode ser alterada.

## **Carmópolis de MG deve impulsionar área da safra anual 2017**

A expectativa para a safra anual 2017 é de aumento de 3% na área de tomate. Este incremento deverá ser influenciado principalmente por Carmópolis de Minas (MG), que registrou aumento de 10% na área, devido aos bons resultados da safra 2016, uma vez que sua colheita escalonada deixou o produtor menos vulnerável às oscilações de preço. Como boa parte das demais regiões com colheita anual está localizada no Nordeste, o clima seco tem limitado o aumento de área. Apenas em Irecê, devido aos baixos preços da cebola e da cenoura no segundo semestre de 2016, há especulação de aumento da área de tomate, mas o cenário só se confirmará com o início do transplante, em janeiro/17. Em relação à safra anual de 2016, houve queda de 6% na área total, sendo que as praças que reduziram foram: Goianápolis (GO), Irecê

(BA) e Serra do Ibiapaba (CE/PI). Nesta última, por exemplo, o fruto perdeu espaço para culturas que demandam menos água e estavam com preços mais atrativos, como batata-doce, pimentão e maracujá. Em Irecê (BA), a cebola animou produtores, que migraram parte da área para esta cultura. Na Chapada Diamantina e Norte do Paraná (cultivo em estufa), a área se manteve frente à 2015. No geral, mesmo com redução de área, os preços do tomate não foram animadores. De janeiro a novembro, o salada AA na Chapada foi negociado na média de R\$ 41,72/cx de 22 kg. Já em Irecê, o rasteiro para mesa foi comercializado por R\$ 25,73/cx de 30 kg entre abril e novembro. Estes valores estão próximos ao custo de produção. No entanto, a margem ainda fechou positiva, sobretudo frente às culturas concorrentes.

## **Área industrial em 2017 deve ser 10% maior frente a 2016**

Houve alta de apenas 1% na área de tomate industrial em 2016, que ocorreu em: São Paulo (1%), Goiás (1%), Minas Gerais (6%) e Agreste Pernambucano (20%). Diferente do cultivo para mesa, o cenário econômico conturbado não dificultou o produtor em adquirir crédito para financiamento, pois a indústria pode adiantar até 70% do capital para custeio da produção. O clima também foi favorável à produção em GO, que chegou a média de 75 t/ha – houve casos individuais de rendimentos próximos a 100 t/ha. Apesar do aumento de área e da boa produção este ano, segundo agentes do setor, os estoques de passagem devem finalizar relativamente baixos, a um nível menor se comparado a outros anos. Assim, os investimentos para 2017 estão mais animadores, com perspectiva de aumento de 10% na área plantada para indústria

no País em relação a 2016. O aumento no volume a ser produzido também reduziria as importações de polpa.

## **Aumento de área e boa produtividade podem conter importações em 2017**

Apesar da alta do dólar ter indicado que as importações de atomatados teriam redução no início de 2016, o cenário visto foi o oposto. Dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) mostram que as importações de atomatados pelo Brasil aumentaram 15,7% em volume de janeiro a novembro deste ano se comparadas com a parcial de 2015. Já em receita, recuaram 3,5% no mesmo período. Isso se deve ao fato de que o excesso de oferta de polpa internacional levou a um recuo de 16,6% no preço dos atomatados em dólar e de 11% em Reais, sobretudo por conta do elevado estoque mundial de polpa. Os principais produtos estrangeiros comprados pelo Brasil – representando 56% do total – são basicamente matéria-prima para as indústrias nacionais (tomates inteiros ou pedaços, preparados ou conservados e o tomate preparado ou conservado, exceto em vinagre). Em 2016, a produção mundial de tomates para processamento deve fechar 8,2% abaixo da de 2015, segundo o relatório divulgado no fim de outubro pelo Conselho Mundial dos Processadores de Tomate Industrial (WPTC). Já a produção brasileira deve crescer 11,5% neste ano, ainda conforme o WPTC. Com o dólar em patamares mais razoáveis, surge a possibilidade de continuar importando mais derivados de tomate em 2017. Porém, com as indústrias ampliando a área de plantio, a produtividade pode seguir alta e as importações da polpa, recuar.

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - TOMATE\*

\*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Tomate de Mesa - Primeira parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2015	2016	Variação (%)
Mogi Guaçu (SP) - abril a outubro	Estiva Gerbi, Santo Antônio da Alegria, Aguaí, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Serra Negra e Pirassununga	8,00	8,00	0%
Sumaré (SP) - maio a junho	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	2,80	2,90	4%
Araguari (MG) - março a novembro	Araguari, Indianópolis, Uberaba, Monte Carmelo e Catalão	10,00	9,00	-10%
Pará de Minas (MG) - abril a novembro	Carmópolis, Pitangui, Onça do Pitangui, Barbacena, Carandaí, Coimbra e São José da Varginha	4,20	4,20	0%
São José de Ubá (RJ) - junho a outubro*	Aré, São João do Paraíso, Itaperuna, Bom Jesus e São José de Ubá	3,00	3,00	0%
Itaocara (RJ) - maio a novembro	Itaocara	1,50	1,50	0%
Paty do Alferes (RJ) - abril a agosto	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	4,50	4,50	0%
Norte do Paraná - março a junho	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	1,20	1,20	0%
Pimentas (MG)	Pimentas	4,00	4,00	0%
Sul de Minas Gerais - abril a agosto	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	6,00	6,00	0%
Venda Nova do Imigrante (ES) - julho a dezembro	Venda Nova do Imigrante	10,00	10,00	0%

Tomate de Mesa - Segunda parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2015	2016	Variação (%)
Sumaré (SP) - outubro a dezembro	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	1,20	2,15	79%
Paty do Alferes (RJ) - setembro a dezembro	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	4,00	4,00	0%
Norte do Paraná - setembro a dezembro	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	1,20	1,20	0%
Sul de Minas Gerais - setembro a dezembro	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	4,00	4,00	0%

Tomate de Mesa - Safra de verão		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2015/16	2016/17	Variação (%)
Itapeva (SP) - novembro a maio	Itapeva, Guapiara, Apiaí, Capão Bonito, Itaberá, Buri, Taquarivaí e Ribeirão Branco	27,00	24,00	-11%
Caçador (SC) - dezembro a abril	Caçador, Rio das Antas, Lebon Régis, Monte Castelo e Macieira	11,50	11,72	2%
Urubici (SC) - dezembro a abril	Urubici	2,80	2,80	0%
Venda Nova do Imigrante (ES) - novembro a junho	Venda Nova do Imigrante	10,00	10,00	0%
Nova Friburgo (RJ) - dez a abril	Bom Jardim, Sumidouro e Teresópolis	6,50	7,00	8%
Reserva (PR) - novembro a abril	Reserva, Ortigueira e Imbaú	8,00	7,00	-13%
Caxias do Sul (RS) - novembro a maio	Caxias do Sul, Nova Petrópolis, Nova Bassano, Pelotas, Nova Prata, Santa Lúcia do Piaí	10,50	10,50	0%
Agreste de Pernambuco - safra principal setembro a março	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim do São Felix, São Joaquim do Monte Bonito, Caruaru	8,50	8,80	4%

Tomate de Mesa - Safra Anual		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2015	2016	Variação (%)
Chapada Diamantina (BA)	Alto Paraguaçu	9,00	9,00	0%
Serra da Ibiapaba (CE/PI) - safra principal de setembro a março	Guaraciaba, São Benedito, Ibiapina, Ubajara, Tiangua, Viçosa do Ceara, Ipu e Carnaubal	11,20	9,60	-14%
Goianópolis (GO)	Inclui diversos municípios de Goiás	23,00	21,00	-9%
Irecê (BA)	Região de Irecê e Região de Seabra	16,00	15,20	-5%
Carmópolis de Minas	Carmópolis de Minas	6,00	6,60	10%
Norte do Paraná (estufas)		6,00	6,00	0%

Obs: Os dados se referem apenas ao plantio do tomate destinado à mesa.

Tomate Rasteiro/Indústria		Hectares		
Região	Praças de Coleta	2015	2016	Variação (%)
Estado de Goiás		12.584,00	12.670,00	0,7%
Estado de São Paulo	Matão e Araçatuba	3.570,00	3.594,00	0,7%
Estado de Minas Gerais	Paracatu e Lagoa Grande	2.200,00	2.340,00	6,4%
Agreste de Pernambuco	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim de São Félix, São Joaquim do Monte, Bonito e Caruaru	100,00	120,00	20%

\*A estimativa divulgada no Anuário anterior foi alterada.

## VERÃO CHUVOSO E INVERNO ATÍPICO DEFINEM MERCADO EM 2016

### Números das FOLHOSAS em 2016

**R\$ 0,96**  
/unidade

**Preço da crespa**  
em Mogi das Cruzes/SP  
(março)

**R\$ 0,60**  
/unidade

**Menor preço**  
da americana dos últimos dois  
anos em Mogi das Cruzes (SP)  
(setembro)

**672 mm**

**Chuva acumulada**  
em Ibiúna (SP) entre dezembro/15  
e janeiro/16

**65%**

**Perdas no campo**  
entre maio e junho na região  
de **Mogi das Cruzes**

### Chuva reduz qualidade e preço sobe no verão 2015/16

A safra de verão 2015/16 se iniciou com um grande volume de chuvas nos meses de novembro e dezembro/15 nas regiões de Mogi das Cruzes e Ibiúna (SP), que atrasou o transplântio de folhosas. Em Ibiúna, por exemplo, foram registrados 672 mm no acumulado entre dezembro/15 e janeiro/16, quantidade 54% superior à média histórica do período, de 435,8 mm, segundo a Somar Meteorologia. Assim, janeiro começou com volume reduzido de alface nas regiões paulistas. No primeiro trimestre do ano, produtores relataram ainda outros problemas decorrentes do clima, como mela, queima de borda, mancha-chocolate e podridão interna. Consequentemente, houve valorização das alfaces no mercado. Em março, a crespa chegou a ser comercializada na média de R\$ 0,96/unidade em Mogi das Cruzes. O grande volume pluviométrico se estendeu por todo o primeiro semestre de 2016, refletindo diretamente na oferta e qualidade das alfaces. De dezembro/15 a maio/16, o valor médio de venda da crespa foi de R\$ 0,71/unidade na região paulista, 5% acima do registrado na safra 2014/15. Os custos de produção também subiram 5%, na mesma comparação. O maior gasto é reflexo do encarecimento dos insumos importados, devido à alta do dólar, e da elevada taxa de perdas/descartes no campo. Desta forma, a safra de verão 2015/16 fechou com rentabilidade positiva. Mas dependendo do nível de perdas com as chuvas, os resultados podem ter sido negativos para o produtor.

**Safra de verão  
2015/16 também  
registra perdas  
em MG**

Produtores de Mário Campos (MG) também tiveram problemas de oferta restrita no início da safra de verão 2015/16, devido às chuvas volumosas entre dezembro/15 e janeiro/16. Porém, a queda na procura em fevereiro pressionou as cotações de folhosas na região. A oferta de alface mineira voltou a ser prejudicada entre março e abril, mas, desta vez, pelo tempo seco, que favoreceu o surgimento do vira-cabeça. Com os problemas fitossanitários, o transplântio de abril foi menor e o volume de alface para comercialização ficou escasso no final da temporada de verão. De janeiro a julho, o preço médio da alface crespa na praça mineira foi de R\$ 0,81/unidade.

### Clima também afeta produção em Teresópolis

Em abril, a **Hortifruti Brasil** incluiu a região de Teresópolis (RJ) nas pesquisas de mercado de alface. Na safra de verão 2015/16, a produção fluminense também foi prejudicada pelo clima chuvoso, que elevou a incidência de bactérias nas folhosas, levando produtores a adiantar a colheita para evitar perdas maiores. Mesmo com problemas de qualidade, a rentabilidade unitária da safra de verão fechou positiva em Teresópolis. Quanto à safra de inverno de 2016, houve queda nas vendas de alface por conta das Olimpíadas, sediadas na cidade do Rio de Janeiro. Produtores que forneciam a mercadoria para a capital tiveram problemas de logística para abastecer o atacado, o que resultou em uma maior sobra de folhosas nos campos fluminenses. No geral, contudo, a rentabilidade da safra



**Mariana Coutinho Silva (esq.)  
e Laleska Rossi Moda**

são analistas de mercado de FOLHOSAS.

Entre em contato: [hfolhosas@cepea.org.br](mailto:hfolhosas@cepea.org.br)

Acesse: [hfbrasil.org.br/alface](http://hfbrasil.org.br/alface)



de inverno foi positiva, mas com preços apenas 7% acima dos custos.

## Inverno de 2016 registra o maior e o menor preço desde 2013

A safra de inverno 2016 foi bastante atípica. O transplante teve início em maio, e em julho houve granizo em algumas roças paulistas, além de geadas e baixas temperaturas. Essas alterações climáticas acarretaram em perdas das folhosas que estavam prontas para serem colhidas e afetaram o desenvolvimento das recém-plantadas. Em Mogi das Cruzes, por exemplo, produtores estimaram perdas de cerca de 65% da produção entre maio e junho. Assim, nesse período, houve escassez de alface em São Paulo, o que direcionou a procura para estados vizinhos. Nesse cenário, produtores de MG e RJ foram beneficiados. Na região de Teresópolis, mesmo as folhosas com baixa qualidade e que provavelmente seriam descartadas, acabaram sendo vendidas para o estado de São Paulo, tamanha a demanda paulista. Com a baixa oferta nacional, sobretudo de alfases de boa qualidade, os preços dispararam no inverno. Em junho, a alface crespa chegou a ser comercializada na Ceagesp por R\$ 1,66/unidade, o maior preço nominal da série

do Cepea, iniciada em 2013. Entre julho e o início de setembro, as chuvas cessaram em Mogi das Cruzes, mas as temperaturas mínimas ainda limitavam o aumento da oferta. Somente a partir de setembro a produtividade foi favorecida, elevando a disponibilidade de alface no mercado. O consumo, no entanto, continuou reduzido. Os preços das folhosas recuaram a ponto de não cobrir os custos de produção. Em setembro, a alface americana foi vendida na média de R\$ 0,60/unidade em Mogi das Cruzes, o menor valor dos últimos dois anos. Com a descapitalização de produtores, o tratamento fitossanitário das últimas lavouras e o volume de folhosas transplantadas diminuíram. Durante a safra de inverno (junho a novembro/16), o preço de venda da alface crespa coletado pelo Hortifruti/Cepea foi de R\$ 0,42/unidade, e o custo estimado pelo produtor, de R\$ 0,44/unidade, causando margem unitária negativa. O início da safra de inverno 2017, previsto para o mês de abril, depende, principalmente, dos resultados da safra de verão e da concretização das previsões climáticas para o primeiro semestre de 2017.

## Área de folhosas deve se manter na safra de verão 2016/17

A expectativa para a safra de verão 2016/17 é de manutenção da área de folhosas em todas as regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. A baixa rentabilidade no final do inverno de 2016, o aumento do custo de produção e a dificuldade de obtenção de crédito para o financiamento das lavouras têm limitado os investimentos, principalmente para pequenos produtores paulistas. No Rio de Janeiro e em Minas Gerais, produtores devem iniciar a safra de verão mais descapitalizados. Além disso, todos estão receosos com o aumento no preço dos insumos agrícolas. O semeio começou em outubro e a colheita está prevista para dezembro. A oferta no início do verão 2016/17 dependerá das condições climáticas, já que a área deve ser mantida. Além disso, após um inverno de preços baixos, o produtor pode ter dificuldade em manter o tratamento fitossanitário adequado nas primeiras lavouras do verão. Assim, a safra 16/17 deve iniciar com baixo investimento. Quanto à alface hidropônica, a produção vem crescendo no estado de São Paulo, principalmente em Ibiúna, onde a qualidade costuma ser melhor e as perdas, menos representativas. Como o verão é uma estação quente e chuvosa, as hidropônicas poderão ser mais competitivas que as produzidas em campo aberto, já que não estarão expostas às mudanças climáticas.

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - FOLHOSAS\*

\*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha) Safra de inverno (mai/nov)			Área plantada (ha) Safra de verão (dez/abril)		
		2015*	2016	Variação (%)	2015*	2016	Variação (%)
Ibiúna (MG)	Ibiúna, Piedade e Vargem Grande Paulista	10.000	10.000	0%	13.000	13.000	0%
Mogi das Cruzes (MG)	Mogi das Cruzes, Biritiba Mirim, Salesópolis e Suzano	6.200	6.200	0%	8.060	8.060	0%
Mário Campos (MG)	Brumadinho, Ibirité, Sarzedo, São Joaquim de Bicas, Igarapé, Betim e Contagem	310	310	0%	465	465	0%
Caeté (MG)	Sabará, Nova União, Taquaraçu de Minas, Raposos, Barão de Cocais e Bom Jesus do Amparo	110	110	0%	160	160	0%
Teresópolis (RJ)	Teresópolis, Nova Friburgo e Sumidouro	-	1.300	0%	-	1.900	0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

## CENOURA TEM "MONTANHA-RUSSA" DE PREÇOS EM 2016

### Números da CENOURA em 2016

# 20%

**Queda da produtividade na safra de verão 2015/16**

# R\$ 66,42 /CX

**Maior preço médio da caixa de cenoura "suja" de 29 kg na safra de verão (janeiro a julho)**

# 20%

**Aumento da produtividade na safra de inverno em MG 2016**

# R\$ 6,58 /CX

**Menor preço médio da caixa "suja" em MG na safra de inverno de 2016 (agosto a dezembro)**

### Produtor encerra safra de verão 2015/16 com rentabilidade positiva

O preço médio da cenoura "suja" na safra de verão 2015/16 (de janeiro a julho) foi de R\$ 36,28/caixa de 29 quilos, 55% acima dos custos de produção, estimados em R\$ 16,49/cx, e 36% superior ao valor da temporada anterior, considerando-se as regiões de São Gotardo (MG), Marilândia do Sul (PR), Cristalina (GO) e Caxias do Sul (RS). A valorização foi resultado da baixa oferta de raiz, decorrente das chuvas volumosas durante o plantio (set/15 a jan/16) e a colheita (janeiro a julho). A disponibilidade esteve muito abaixo da esperada principalmente de janeiro a abril, impulsionando fortemente as cotações. Em São Gotardo, a produtividade nos quatro primeiros meses do ano caiu 24% frente à do mesmo período de 2015. Na média das regiões produtoras acompanhadas pela equipe Hortifruti/Cepea, a queda foi de 20% em igual comparativo, com produtividade de 52,8 toneladas/hectare de janeiro a julho. Somente em Irecê, não houve redução no volume ofertado, já que o efeito do *El Niño* no Nordeste é de menos chuva (ao contrário do que acontece no Sul e Sudeste). Ainda assim, houve água suficiente para irrigação na praça nordestina. No primeiro quadrimestre, a caixa de 29 kg da cenoura "suja" foi comercializada a R\$ 53,50, alcançando R\$ 66,42 em Minas Gerais. No balanço, a área cultivada na safra de verão 2015/16 permaneceu estável frente à passada, exceto em Caxias do Sul, onde teve leve aumento de 2,5%.

### Bons ganhos na temporada de verão impulsionam plantio de inverno

A boa rentabilidade obtida na safra de verão de cenoura 2015/16, como resultado dos altos preços no primeiro semestre, motivou "aventureiros" a entrarem no setor, elevando a área cultivada na temporada de inverno. Estima-se que o aumento tenha sido próximo dos 20% em São Gotardo (MG), ampliando em 7% a área total da safra de inverno na média das regiões acompanhadas. Normalmente, a área cultivada com cenoura quase não varia, pois produtores plantam e colhem o ano todo, havendo um ajuste natural ao longo do período. A elevada produtividade no inverno resultou em excedente de oferta da raiz e em queda de preços. De julho a novembro, foram colhidas 95 t/ha de cenoura em São Gotardo e em Cristalina (GO), aumento de 30% em relação ao mesmo período de 2015. Já em Caxias do Sul (RS) e Marilândia do Sul (PR), o clima adverso prejudicou a oferta em muitos momentos: as baixas temperaturas atrasaram o ciclo e queima das raízes, enquanto a chuva levou ao descarte no início do ciclo e dificultou o trabalho nas lavouras, mesmo assim, a produtividade esteve maior que a observada na safra de inverno de 2015 na região de Marilândia do Sul (PR) e apresentou somente leve retração em Caxias do Sul (RS). Na praça paranaense, a produtividade foi de 58 t/ha e, na gaúcha, de 59 t/ha, respectivos aumento de 24% e redução de 10% em relação à safra de inverno anterior. Em Irecê (BA), houve diminuição do plantio, com produtores desmotivados com os preços abaixo dos custos. No balanço da safra de inverno (julho a novembro), a caixa de 29 kg da cenoura "suja" foi comercializada a R\$ 10,00 na média das regiões acompanhadas pela equipe Hortifruti/Cepea (exceto em Irecê, onde a unidade da caixa é de 20 kg). O valor é 12% menor que as estimativas



**Isabela Silva dos Santos**  
 é analista do mercado de CENOURA.  
 Entre em contato: [hfcenoura@cepea.org.br](mailto:hfcenoura@cepea.org.br)  
 Acesso: [hfbrasil.org.br/cenoura](http://hfbrasil.org.br/cenoura)

de custos de produção (R\$ 11,40/cx). Em MG, o preço da caixa em outubro caiu para o menor patamar do ano, de R\$ 6,58. Diante da menor remuneração na temporada de inverno, em 2017, a área deve retornar ao patamar de 2016 com a saída de aventureiros.

### Área deve ser mantida na safra de verão 2016/17

Os preparativos para a safra de verão 2016/17 foram iniciados em setembro, exceto em Caxias do Sul (RS), onde o plantio normalmente ocorre

a partir de outubro, devido à diferenciação nas sementes de acordo com o clima. A expectativa é de manutenção da área destinada ao cultivo na temporada frente à 2015/16. Em São Gotardo (MG), Cristalina (GO) e Caxias do Sul, mesmo com os prejuízos na safra de inverno 2016, não houve diminuição dos investimentos. Em Marilândia do Sul (PR), ainda pode haver um pequeno aumento das lavouras com a aquisição de novos lotes de terras por parte de alguns produtores. Agricultores de Irecê (BA), por sua vez, devem aguardar o andamento da safra e o re-

sultado de outras culturas para manter ou não a área de cultivo com cenoura. Os “aventureiros” que entraram no mercado na temporada de inverno não deverão produzir no verão. Quanto ao clima, não são previstas as chuvas volumosas e constantes de 2015 nesta temporada, favorecendo a produtividade nas lavouras. Assim, as cotações podem ser menores que as registradas no verão passado. Com as chuvas mais moderadas, casos de doenças também foram menos frequentes até o início de dezembro, embora a falta dela preocupe produtores baianos.

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CENOURA\*

\* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Safra de inverno (julho a dezembro)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2015	2016	Variação (%)
Goiás	Cristalina	cenoura safra de inverno	700	780	11,4%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de inverno	2.123	2.547	20%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão segundo semestre	1.000	1.000	0%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de inverno	800	800	0%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de inverno	1.350	1.330	-1,5%

Safra de verão (dezembro a julho)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2015/16	2016/17	Variação (%)
Goiás	Cristalina	cenoura safra de verão	1.300	780	-40%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de verão	5.377	2.123	-85,5%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão primeiro semestre	932	1.000	7,3%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de verão	1.200	800	-33,3%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de verão	715	1.330	86%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

# Agora a DuPont traz ainda mais proteção para a sua lavoura ir além

Verimark® e Benevia® trazem um novo conceito na proteção da lavoura e no manejo de produção. O Programa permite controle eficiente das pragas mais importantes desde o início do ciclo, proporcionando plantas saudáveis e vigorosas.

Ambos possuem o ativo Ciantraniliprole que apresenta espectro cruzado com alta performance no controle das principais pragas mastigadoras\* e sugadoras\*.

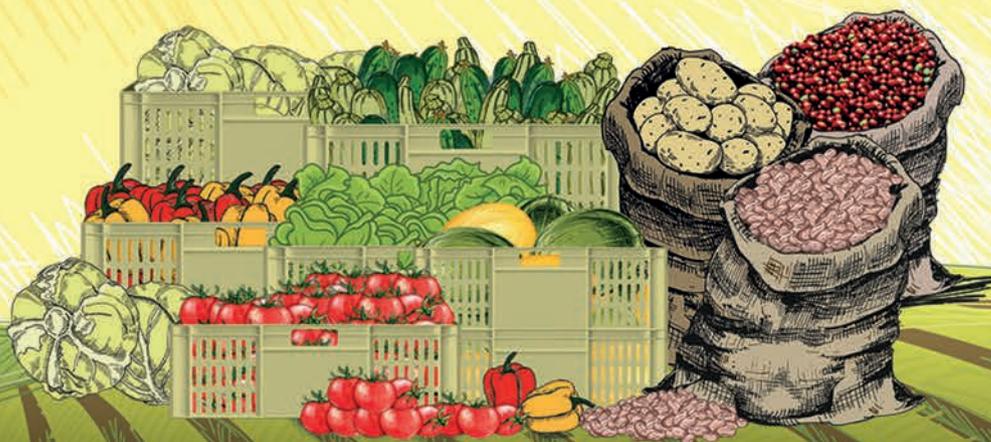
## Verimark® alvos

- ✓ Mosca-branca (*Bemisia tabaci*)  
(*Bemisia tabaci* raça B)
- ✓ Mosca-minadora (*Liriomyza huidobrensis*)  
(*Liriomyza sativae*)  
(*Liriomyza* spp)
- ✓ Traça-das-crucíferas (*Plutella xylostella*)
- ✓ Lagarta-mede-palmo (*Trichoplusia ni*)
- ✓ Traça-da-batata (*Phthorimaea operculella*)
- ✓ Pulgão-verde (*Myzus persicae*)

## Benevia® alvos

- ✓ Mosca-branca (*Bemisia tabaci*)  
(*Bemisia tabaci* raça B)
- ✓ Mosca-minadora (*Liriomyza huidobrensis*)  
(*Liriomyza sativae*)  
(*Liriomyza* spp)
- ✓ Traça-das-crucíferas (*Plutella xylostella*)
- ✓ Broca-pequena-do-tomateiro (*Neoleucinodes elegantalis*)
- ✓ Broca-da-vagem (*Etiella zinckenella*)
- ✓ Lagarta-mede-palmo (*Trichoplusia ni*)
- ✓ Broca-das-cucurbitáceas (*Diaphania nitidalis*)
- ✓ Broca-do-café (*Hypothenemus hampei*)
- ✓ Bicho-mineiro-do-café (*Leucoptera coffeella*)

\*Acesse a bula no site [www.dupontagricola.com.br](http://www.dupontagricola.com.br) e saiba mais sobre os produtos.



Os LMRs e Tolerâncias de Importação para culturas tratadas com Verimark® e Benevia® podem estar pendentes em alguns países. Consulte seu exportador, importador ou a DuPont antes de aplicar Verimark® e Benevia® nas culturas de exportação. Cyazypyr® é a marca comercial do ingrediente ativo Ciantraniliprole. ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

# DuPont™ Verimark®

inseticida

powered by  
CYAZYPYR®

# DuPont™ Benevia®

inseticida

powered by  
CYAZYPYR®

## Benefícios



Melhor estabelecimento da cultura



Plantas mais vigorosas que proporcionam melhores resultados



Uma só molécula com espectro cruzado no manejo das mais importantes pragas



Controla diversas fases do ciclo da praga resultando em alta performance



Maior proteção, ação sistêmica e translaminar



Ganhos adicionais em produtividade e qualidade



### BENEVIA® | FOLIAR

DuPont™ Benevia® é um inseticida registrado para **30 culturas**. Possui formulação à base de óleo 100 OD - Dispersão de Óleo, para aplicações foliares.

### VERIMARK® | SOLO

DuPont™ Verimark® é um inseticida registrado para **28 culturas**. Possui formulação 200 SC - Suspensão Concentrada, para aplicações via solo.

O aumento da produtividade e rentabilidade foram observados em campos experimentais, onde foram utilizados os produtos Verimark® e Benevia®, seguindo corretamente as informações de dosagem e aplicação. O aumento de produtividade e rentabilidade depende também de outros fatores, como condições de clima, solo, manejo, estabilidade do mercado, entre outros. Dados disponibilizados pela área de Pesquisa da DuPont. Consulte sobre a aprovação do cadastro estadual do produto Verimark®, em seu estado, para as diferentes culturas registradas. O produto Verimark® está liberado para comercialização no PR (com restrição na cultura do fumo para o alvo *Phthorimaea operculella*).

Para mais informações:

TeleDuPont   
 0800 707 55 17 Agrícola   
 www.dupontagricola.com.br

## PREÇO E CUSTO DE PRODUÇÃO SÃO RECORDES EM 2016

Números da BATATA em 2016

R\$ **200,16** /sc

**Preço recorde** na Ceagesp (junho)

R\$ **99,40** /sc

**Custo de produção** no Sul de Minas (safra das águas)

**+30%**

**Aumento na área** destinada à indústria no Triângulo Mineiro

**-53%**

**Queda na produtividade** do Paraná (safra das secas)

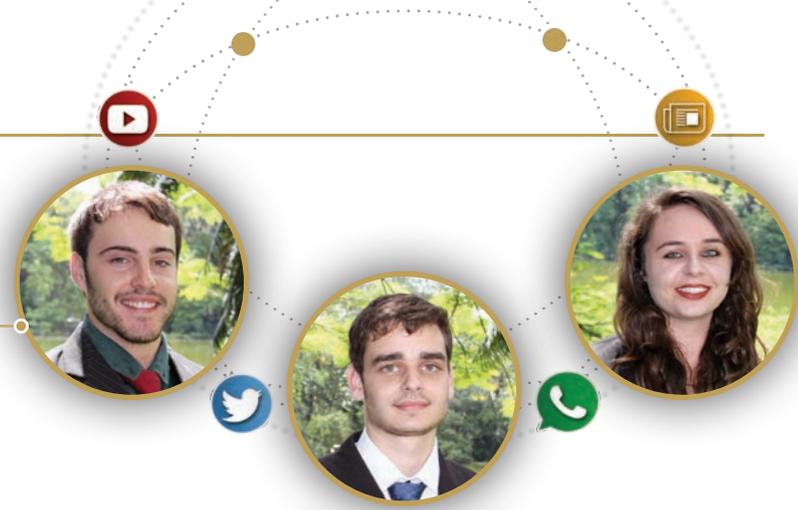
**Apesar do preço recorde, produtividade e custo reduzem margem do produtor**

A safra das águas 2015/16 foi marcada pela baixa produtividade de batatas em função do excesso de chuvas em todas as regiões pesquisadas pelo Cepea. Esse cenário, somado à menor área cultivada, limitou a oferta do produto, resultando em acentuado aumento de preços. Ainda, no período pós-colheita, um alto percentual de perdas foi observado, também causadas pelo clima chuvoso. Por outro lado, os custos de produção da batata, que seguem em alta desde o início de 2015 devido ao aumento do dólar, do diesel e da energia elétrica, estiveram elevados. Nesse contexto, na parcial da temporada (dezembro/15 a abril/16), o preço médio da batata, ponderado pela classificação, fechou a R\$ 86,99/sc de 50 kg, valor 78,69% superior às estimativas de custos de produção do tubérculo, que ficaram em R\$ 48,65/sc no mesmo período. Já a produtividade média da safra foi de 30 t/ha, 10,63% menor que na temporada anterior. Apesar dos preços altos, alguns produtores tiveram resultados abaixo da média. No Sul de Minas, por exemplo, o valor médio da safra foi de R\$ 78,25/sc de batata lavada (já ponderado pelo calendário de colheita e classificação). O custo de produção na região, contudo, foi de R\$ 99,40/sc (valor captado na safra de propriedade típica da área, publicado na edição de outubro de 2016), o que gerou margem negativa de 21,27% ao produtor. Na região de Água Doce (SC)/Guarapuava (PR), o preço médio já ponderado foi de R\$ 95,16/sc, valor 98,91% acima do custo de produção (R\$ 47,84). Um dos principais motivos das margens tão distintas entre as regiões foi a produtivi-

dade, que, no caso do Sul de MG, por exemplo, foi estimada em 400 sacas/ha, enquanto que em Água Doce/Guarapuava, ficou em 692 sacas/ha.

**Cotações batem recorde na temporada das secas**

A oferta de batata esteve limitada durante a safra das secas 2016. Problemas com o excesso de chuvas na temporada das águas 2015/16 se intensificaram nas secas, o que prejudicou a produtividade no Paraná e no Sul de Minas Gerais. Além disso, por conta do clima, houve atraso no calendário de plantio e, posteriormente, na colheita, reduzindo ainda mais a oferta entre maio e junho. Em julho (último mês da safra das secas), quando a temporada de inverno já havia começado, a disponibilidade voltou a aumentar. A ocorrência de geadas no final de abril também afetou a produtividade das áreas colhidas entre o fim de maio e o início de junho. Com isso, a produtividade naquele período, meses de maior oferta de batata, ficou 10% menor que no mesmo período de 2015. No Paraná, a queda de produtividade foi de 53% em relação ao ano passado, fechando com média de 14,9 t/ha. Com a pouca oferta na safra das secas, os preços atingiram patamares recordes. A maior média mensal ocorreu em junho, de R\$ 200,16/sc no atacado paulistano. Esse cenário fez com que algumas áreas de sementes fossem destinadas ao mercado. Apesar do prejuízo de alguns produtores devido à baixa produtividade, a maioria deles teve boa rentabilidade. Na média da temporada das secas (maio a julho), a batata lavada foi cotada a R\$ 120,66/sc (já ponderado), valor 117,95% acima das estimativas de custos, de R\$ 55,36/sc. Devido ao resultado médio positivo, a tendência é



**Guilherme Giordano Paranhos (esq.),  
Emanuel Pereira Lima Filho e Lenise Andresa Molena**  
analistas do mercado de BATATA.

Entre em contato: [hfbatata@cepea.org.br](mailto:hfbatata@cepea.org.br)

Acesse: [hfbrasil.org.br/batata](http://hfbrasil.org.br/batata)

de aumento de área na próxima safra, caso o clima permita um bom desenvolvimento das sementes durante o período das águas.

### Safra de inverno 2016 tem preços maiores que em 2015

Pelo segundo ano consecutivo, a safra de inverno termina com boa rentabilidade. Isso porque em julho, início das atividades de colheita, os preços já estavam elevados por conta da baixa oferta da safra das águas e das secas. Além disso, Vargem Grande do Sul (SP) perdeu algumas áreas, devido a problemas com as sementes que se desenvolveram durante o período das águas, quando o clima prejudicou a produção. A qualidade das sementes também interferiu na produtividade das primeiras colheitas. Além disso, no início da safra (julho), as batatas apresentaram problemas com apodrecimento, devido ao excesso de chuvas e à ocorrência de geadas durante o desenvolvimento das plantas e formação dos tubérculos. Desse modo, a produtividade do período ficou entre 10 e 20% abaixo da média da temporada. Ao longo da safra, porém, a produtividade e a qualidade aumentaram, em oposição aos preços, que diminuíram por conta da maior oferta. No Triângulo Mineiro, a safra de inverno foi marcada pela maior facilidade de produção em relação ao ano passado. Pragas e doenças se manifestaram em menor proporção; alternária e requeima apareceram em maior intensidade, mas foram controladas. Alguns fatores climáticos pontuais interferiram na produtividade da região mineira, como geada em julho

e granizo em setembro. Além disso, sementes importadas de boa qualidade resultaram em uma produtividade 15% maior que nas lavouras semeadas com tubérculos que os produtores haviam colhido. Na média da safra do Triângulo (julho a novembro), os preços da batata lavada ficaram em R\$ 65,44/sc (ponderados pelo calendário de colheita e classificação), 45% acima das estimativas de custos (R\$ 40,37/sc). Devido ao resultado positivo, a expectativa do setor é de aumento de área para a próxima safra de inverno.

### Oferta deve aumentar na temporada das águas 2016/17

A oferta da safra das águas 2016/17 está prevista para superar a de 2015/16. Esse aumento da disponibilidade é devido principalmente à previsão de boas condições climáticas no período – com chuvas menos volumosas –, que devem favorecer a produção. O fenômeno *La Niña* deve ocorrer em menor intensidade até o fim do verão. No início da safra das águas (novembro), esse cenário, com boa produtividade no Sul de Minas Gerais e no Paraná, já pôde ser observado. O aumento da área plantada também deve impulsionar a oferta na temporada. Em Guarapuava (PR), a área aumentou 20% (entre a 1ª e a 2ª safra) este ano, frente a 2015. A região de Água Doce (SC) também deve ter sua área ampliada em 10%. Apesar do bom desenvolvimento das lavouras, em setembro, produtores catarinenses

relataram a necessidade de 20 dias de irrigação, prática pouco utilizada nos últimos cinco anos. Em São Mateus do Sul (PR), um aumento de cerca de 200 hectares também está previsto. No Cerrado mineiro, o aumento da área deve ser de mais de 10%, para atender à indústria, não devendo impactar na oferta para o mercado.

### Indústria nacional cresce 30% em 2016

A área de batata destinada à indústria segue em expansão no Brasil, sobretudo de batata-palito. A instalação de uma nova fábrica na região do Triângulo Mineiro expandiu em 30% a área de batatas com contrato para a indústria em 2016. Assim, da área total cultivada com batatas no Brasil, 17% já é destinada à indústria. Além dessa ampliação, as importações de batata pré-frita também seguem aquecidas, somando, de janeiro a novembro, 311,2 mil toneladas, de acordo com a Secretaria do Comércio Exterior (Secex), quantidade 14,6% maior que no mesmo período do ano passado. Se o total importado pelo Brasil for calculado em área equivalente, e então somado à área total cultivada no País, a área de batata industrializada representaria quase 40% do total de batatas no Brasil, enquanto que a área para consumo *in natura* seria de um pouco mais da metade do total. Para a safra de inverno 2017, a área de batata industrial deve continuar crescendo em ritmo acelerado.

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - BATATA\*

\*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Safrinha das secas e safrinha de inverno (junho a novembro)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2015	2016	Varição (%)
Vargem Grande do Sul (SP) - inverno	Vargem Grande do Sul, São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Aguaí, Casa Branca, Santa Cruz das Palmeiras, Mococa, Itobi, São José do Rio Pardo e Porto Ferreira	10.800	10.300	-5%
Sudoeste Paulista - seca	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.350	2.350	0%
Sudoeste Paulista - inverno	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.830	2.830	0%
Curitiba (PR)	Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	3.000	2.700	-10%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	1.800	1.800	0%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	1.300	1.300	0%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guaramiranga e Inácio Martins	1.200	1.200	0%
Brasília (DF) e Cristalina (GO)	Brasília e Cristalina	5.600	6.300	13%
Mucugê (BA) e Chapada Diamantina (BA)	Mucugê e Ibicoara	5.230	5.230	0%
Sul de Minas Gerais (seca + inverno)	Sul de Minas Gerais <sup>1</sup>	8.000	8.000	0%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	5.500	8.200	49%
Ibiraíaras (RS)	Ibiraíaras e Santa Maria	1.250	1.250	0%

Safrinha das águas (dezembro a maio)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2015/16	2016/17	Varição (%)
Sul de Minas Gerais	Sul de Minas Gerais <sup>1</sup>	9.500	9.500	0%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	10.900	14.400	32%
Guarapuava (PR) 1º e 2º safrinha	Guarapuava, Campina do Simão, Cândoi, Foz do Jordão, Pinhão, Prudentópolis e Reserva do Iguçu	5.000	5.000	0%
Curitiba (PR)	Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piên, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	5.590	5.590	0%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	2.000	2.000	0%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guaramiranga e Inácio Martins	1.500	1.500	0%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	1.800	2.000	11%
Santa Catarina	Água Doce (SC) e Palmas (PR)	5.000	5.450	9%
Rio Grande do Sul	Bom Jesus, São José dos Ausentes, Ibiraíaras, Santa Maria e São Francisco de Paula	7.800	7.800	0%

<sup>1</sup> Cambuí, Pouso Alegre, Ipuíuna, Poços de Caldas, Areado, Bom Repouso, Camanducaia, Senador Amaral, Maria da Fé, Bueno Brandão, Espírito Santo do Dourado, São João da Mata, Andradas, Alfenas, Alterosa, Serrania, Machado, Paraguaçu, Três Corações, São Gonçalo do Sapucaí, São Bento do Abade, Santa Rita de Caldas e Congonhal.



Knowledge grows

# Qualidade total

Desenvolvido para atender todas as necessidades nutricionais das culturas de hortifrúti, de forma eficiente e na medida certa, o Programa Nutricional Yara oferece os nutrientes necessários para que sua lavoura possa expressar o máximo potencial produtivo e o maior retorno para o seu negócio.



## YaraLiva®

Para saber mais, acesse: [www.yarabrasil.com.br](http://www.yarabrasil.com.br)

## CEBOLA REGISTRA VALORES EXTREMOS EM 2016

### Números da CEBOLA em 2016

R\$ **66,83**/SC

**Recorde de preço** do ano na Ceagesp se deu em **maio**

**-35%**

**Queda nas importações** da Argentina frente 2014 (janeiro a junho)

R\$ **19,83**/SC

**Menor preço** do ano na Ceagesp se deu em **setembro**

**95%**

**Queda nas importações** totais em 2016 frente 2015 (julho a novembro)

### Quebra de safra anula aumento de área no Sul e eleva preços em 2015/16

Motivados pelos bons preços da safra passada, produtores de cebola da região Sul aumentaram em 14,4% a área desta temporada (2015/16), em relação à 2014/15. Por outro lado, a produção diminuiu expressivos 50%, refletindo o excesso de chuva durante quase todo o período de plantio, desenvolvimento e colheita dos bulbos. O aparecimento de doenças bacterianas e fúngicas prejudicou o processo de armazenamento das cebolas, que ficaram mais sensíveis e tiveram grande porcentagem de perdas. A aparência do produtor também foi prejudicada pela umidade excessiva do solo e por granizos. Quanto mais tempo as mercadorias ficam estocadas, maior é o descarte dos bulbos. Com isso, a safra se encerrou em março, um mês antes do previsto. Em abril, o volume no Sul já era praticamente nulo. Além disso, a baixa qualidade dos bulbos dificultou o escoamento da produção. Assim, as importações brasileiras cresceram, tendo como principal origem os países europeus, visto que a Argentina também enfrentava adversidades climáticas e perda de produtividade. Com a escassez de cebola no mercado doméstico, os preços da saca de 20 kg chegaram a R\$ 66,83 na Ceagesp em maio. Na média da temporada do Sul, entre novembro/15 e abril/16, o preço ao produtor foi de R\$ 1,64/kg, valor 78% maior que as estimativas de custos de produção no mesmo período, de R\$ 0,92/kg.

### Clima deve ampliar oferta do Sul na safra 2016/17

As boas condições climáticas durante o plantio, desenvolvimento e iní-

cio da colheita de cebola (no fim de outubro) devem ampliar a produtividade ao longo da safra do Sul 2016/17, além de favorecer a qualidade dos bulbos. Essa expectativa somada ao aumento de área na temporada 2015/16 podem resultar em oferta elevada no mercado. As chuvas ocorridas até novembro/16 foram benéficas à produção de cebola no Sul. Apenas em Lebon Régis (SC), houve perdas por conta da umidade. Ainda assim, parte das áreas prejudicadas pode se recuperar até o início da colheita, prevista para o final de dezembro.

### Forte aumento de área em Irecê derruba preço em junho

A área cultivada com cebola em Irecê (BA) cresceu expressivos 66,7% no primeiro semestre, em relação ao mesmo período de 2015. Esse aumento foi motivado pelos preços recordes do bulbo no ano passado, principalmente entre maio e junho, quando a região nordestina oferta cebola. O acentuado incremento de área em 2016, concentrado em junho, gerou excesso de produto no mercado, derrubando os preços de maio para junho. A cotação média do bulbo em Irecê foi de R\$ 0,74/kg em junho, queda de 65% em relação ao mês anterior. Além do aumento na área, a produtividade também cresceu na região, com média de 77 t/ha entre abril e novembro, 7% acima da de igual intervalo do ano passado. A safra se iniciou em abril com preços elevados, devido à baixa oferta nacional, resultado da quebra no Sul e da menor produção na Argentina. A média em abril e maio foi de R\$ 2,06/kg ao produtor, 249% ou 3,5 vezes acima dos custos, estimados em R\$ 0,59/kg. Já no segundo semestre, houve recuo de área na região baiana,

**Bianca Pan dos Santos**  
é analista do mercado de CEBOLA.  
Entre em contato: [hfcebola@cepea.org.br](mailto:hfcebola@cepea.org.br)  
Acesse: [hfbrasil.org.br/cebola](http://hfbrasil.org.br/cebola)

explicado pela queda nas cotações, diante da maior oferta doméstica e concorrência a partir de julho, quando São Paulo, Cerrado e Nordeste estavam colhendo. Além disso, no ano passado, produtores baianos aumentaram a área no segundo semestre e não tiveram bons resultados. De modo geral, o clima foi favorável à safra de Irecê o ano todo. Mesmo com baixo índice de chuva, houve água suficiente para irrigação. Para o primeiro semestre de 2017, a tendência é de queda na área cultivada com cebola na região baiana.

### Cerrado tem aumento significativo de área em 2016

A área cultivada com cebola neste ano aumentou significativamente na região do Cerrado, que contempla os estados de Minas Gerais e Goiás. No Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG), o crescimento foi de 18% em relação a 2015, impulsionado principalmente pelos altos patamares de preços, com a área sendo estimada em 2.750 hectares. Em Cristalina (GO), o incremento foi de expressivos 82%, passando para 2.500 hectares. O aumento de área combinado às altas tecnologias e produtividade dessas regiões reforçou o excedente de oferta no segundo semestre, pressionando as cotações. Em julho, a cebola foi cotada a R\$ 0,91/kg no Triângulo Mineiro, forte queda de 77% sobre o do mesmo mês do ano passado. A produtividade, por sua vez, foi de 80,3 t/ha em MG e de 70,2 t/ha em Cristalina, as maiores médias entre as praças acompanhadas pelo Cepea. No atacado, os preços da saca de 20 kg caíram para R\$ 19,12/kg no mês de setembro. Os custos de produção, por sua vez, ficaram na média da safra em Cristalina – de maio a novembro, foi de R\$ 0,64/kg, enquanto a cotação foi de

R\$ 0,69/kg, 7,8% superior às estimativas de custos (preço e custo ponderados pelo calendário de colheita e classificação). Já em Minas Gerais, o preço médio ao produtor foi de R\$ 0,75/kg, 56% acima dos custos, estimados em R\$ 0,48/kg. Apesar da rentabilidade positiva, produtores estão receosos para o próximo ano, podendo reduzir a área de cebola.

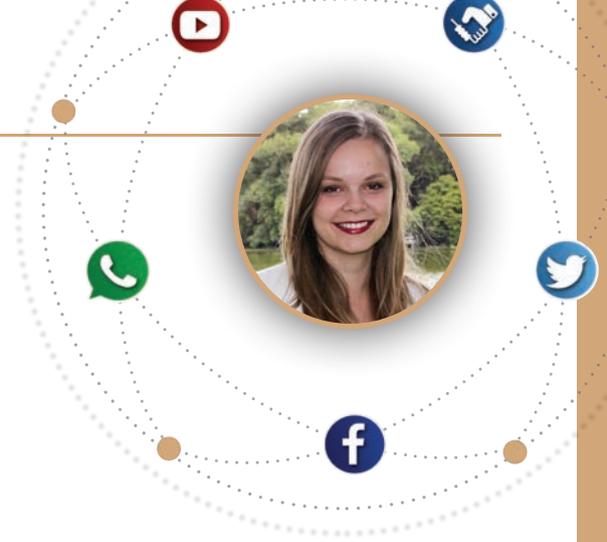
### SP tem baixa rentabilidade ao longo da safra

Devido ao acentuado aumento de área no Cerrado e em Irecê e à elevada produtividade no segundo semestre em todas as regiões acompanhadas, produtores paulistas de cebola comercializaram toda a safra com baixos preços. Em São José do Rio Pardo (SP), o bulbo beneficiado foi cotado, entre julho e outubro, na média de R\$ 14,12/sc de 20 kg (valor ponderado pelo calendário de colheita e classificação), 18% abaixo dos custos de produção, estimados em R\$ 16,66/sc no mesmo período. Em Monte Alto (SP), a cotação foi de R\$ 15,21/sc, 18% maior que o custo, de R\$ 12,80/sc. Na média das duas praças, a produtividade foi de 39 t/ha, 30% inferior à da temporada anterior. O pico de oferta ocorreu em agosto, quando 50% da produção havia sido colhida em Monte Alto e 60%, em São José do Rio Pardo. Naquele mês, a produtividade teve média de 41,3 t/ha. Com os resultados insatisfatórios neste ano, pode ha-

ver ligeiro recuo na área cultivada nas regiões paulistas em 2017.

### Falta de água limita expansão de área no Vale e em Mossoró

O déficit hídrico no Vale do São Francisco (BA/CE) e em Mossoró (RN) limitou o aumento do cultivo com cebola nessas regiões. No Vale, a área permaneceu praticamente estável em relação à de 2015, enquanto em Mossoró, caiu quase 20%, para apenas 500 hectares plantados. Produtores do RN plantam basicamente cebolas híbridas, que exigem um manejo mais especializado e geram maior produtividade. No Vale, o início do ano foi marcado pela elevada incidência de chuva, o que possibilitou a manutenção da área. Iniciada em abril, a colheita segue até dezembro no Vale. Na média parcial da temporada, até novembro, o preço do bulbo ao produtor do Vale foi de R\$ 0,87/kg, valor 29% acima das estimativas de custo, de R\$ 0,67/kg. A produtividade média do Vale foi de 28,4 t/ha, menor que a de outras regiões pela presença forte ainda da variedade IPA, que tem baixo potencial produtivo, quando comparada às sementes híbridas. A incidência de tripses na região também prejudicou um pouco a produtividade. Se não chover o esperado



Linha de **CEBOLAS híbridas**  
TOPSEED Premium  
www.agristar.com.br

Não importa o sotaque, de norte a sul temos a cebola ideal para você.

para este final de 2016 e início de 2017, pode haver redução mais acentuada nas áreas cultivadas com cebola na próxima temporada do Vale e de Mossoró.

## Europa bate Argentina nas importações do 1º semestre

Pelo segundo ano consecutivo, a participação dos europeus nas importações brasileiras de cebola superou a dos argentinos no primeiro semestre. Das

171,6 mil toneladas adquiridas, mais da metade veio da Europa, enquanto a Argentina participou com 46%. Comparando o primeiro semestre de 2016 ao de 2014, último ano sem quebra da safra argentina, a participação desse país caiu 35%. A Argentina costuma abastecer o Brasil na entressafra de cebola (primeiro semestre), principalmente em maio. Contudo, assim como no ano passado, o país vizinho teve problemas na produção, devido às constantes chuvas em áreas produtoras e

que tradicionalmente exportam ao Brasil. Assim, a oferta argentina não conseguiu suprir a demanda brasileira. No segundo semestre deste ano, o excesso de oferta no País, o dólar alto e os prejuízos de anos anteriores inibiram as importações do bulbo, que se limitaram a 2,1 mil toneladas entre julho e outubro, bem menos do que foi importado no mesmo período do ano anterior, que chegou a 92 mil toneladas, segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CEBOLA\*

\*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2015	2016	Varição (%)
Divinolândia (SP) - bulbinho*	Divinolândia	260,0	230,0	-12%
Piedade (SP) - bulbinho	Piedade	120,0	100,0	-17%
Piedade (SP) - híbrida	Piedade	650,0	650,0	0%
Monte Alto (SP)	Monte Alto	1.250,0	1.250,0	0%
São José do Rio Pardo (SP)	São José do Rio Pardo, Divinolândia, São Roque, Itobi, Casa Branca, Vargem Grande e Mococa	2.300,0	2.300,0	0%
Triângulo Mineiro	Uberaba, Rio Paranaíba, São Gotardo, Ibiá, Santa Juliana, Patrocínio, Araxá, Perdizes, Sacramento, Lagoa Formosa e Patos de Minas	2.340,0	2.750,0	18%
Mossoró (RN)	Mossoró e Baraúna	600,0	500,0	-17%
Cerrado (GO)	Brasília e Cristalina	1.370,0	2.500,0	82%
Irecê (BA)**	João Dourado, Irecê, Lapão, América Dourada, São Gabriel, Canarana, Barro Alto, Cafarnaum, Ibititá, Itaguaçu da Bahia, Jussara, Mulungu do Morro, Presidente Dutra e Xique-Xique	2.800,0	3.200,0	14%
Vale do São Francisco (BA e PE)	Casa Nova, Sento Sé, Sobradinho, Remanso, Juazeiro, Curaçá e Paulo Afonso (BA); Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Belém do São Francisco, Cabrobó e Petrolândia (PE)	5.380,0	5.380,0	0%
Chapada Diamantina (BA)	Mucugê, Cascavel e Ibicoara	296,0	300,0	1%

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2015/16	2016/17	Varição (%)
São José do Norte (RS)	São José do Norte	1.950	2.200	13%
Rio Grande (RS)	Rio Grande e Tavares	1.530	1.530	0%
Irati (PR)	Irati, Fernandes Pinheiro, Imbituva, Palmeira, Guamiranga, Campo Magro	1.445	1.600	11%
Curitiba (PR)		4.300	4.600	7%
Lebon Régis (SC)	Caçador, Curitibaanos e Lebon Régis	1.500	2.000	33%
Ituporanga (SC)	Ituporanga, Petrolândia, Aurora, Atalanta, Imbuia, Vidal Ramos/Agrolândia, Alfredo Vagner, Bom Retiro e Leoberto Leal	14.350	17.000	18%

\* Na região de Divinolândia separou-se a safra de bulbinhos e de híbridas. A área correspondente a híbridas foi somada à região de São José do Rio Pardo.

\*\* Dados com base na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA).

Família, a melhor semente  
para um feliz 2017.



A receita da felicidade certamente leva um ingrediente especial: a família. Ela é o nosso porto seguro, a semente que nos ajuda a crescer e dar bons frutos nessa vida. A Seminis® deseja a todos boas festas e um 2017 mais família.

  
**Seminis**®

[www.seminis.com.br](http://www.seminis.com.br)

# ÁGUA AINDA É FATOR LIMITANTE PARA INVESTIMENTOS NA PRODUÇÃO DE MEL

## Números do MELÃO em 2016

# -6,3%

**Recuo na área total de melão em 2016/17**

# R\$ 48,13

**/cx de 13 kg**

**Recorde nominal na série histórica para o melão amarelo tipo 6 e 7 na Ceagesp (março)**

# -3%

**Aumento/Queda das exportações frente 2015 (agosto a novembro)**

# 7,2%

**Volume útil do reservatório de Sobradinho em 05 de dezembro**

### Com crise hídrica, área de melão recua

A área total de melão acompanhada pelo Hortifruti/Cepea deve fechar este ano em 13.700 hectares, 6,3% menor em relação ao ano anterior – considerando a soma do ano civil no Vale do São Francisco (BA/PE) e a safra 2016/17 do Rio Grande do Norte/Ceará. De modo geral, a falta de água tem sido limitante na cultura. Desta maneira, melonicultores do Vale devem finalizar 2016 com 2,2 mil hectares de melão, redução de 10,5% no comparativo com 2015. O recuo foi maior no segundo semestre, quando a área foi de 500 hectares, queda de 30,6% frente ao mesmo período de 2015. O racionamento de água devido à baixa vazão de Sobradinho fez com que produtores dessem prioridade para as frutíferas perenes e reduzissem o cultivo do melão. Já no RN/CE, produtores devem dedicar 11,5 mil hectares ao plantio na safra 2016/17, redução de 4,2% frente à temporada passada. A diminuição área apenas não será mais expressiva devido à migração para cidades próximas que ainda dispõem de água para irrigação, principalmente por parte de produtores mais capitalizados para tal investimento. O RN/CE enfrenta problemas com a falta de água desde 2011. Além do baixo nível dos reservatórios, a água está mais salina, o que exige mais cuidado quanto à concentração de minerais na terra. As altas concentrações de sais na água utilizada para irrigação podem ocasionar redução da produtividade e impactos negativos na qualidade da fruta. Desta maneira, produtores devem aumentar a atenção até março/17, quando finaliza a 2016/17.

### Reservatório baixo de Sobradinho reduz produtividade no Vale

O reservatório de Sobradinho (BA),

é um dos mais importantes para o cultivo de melão no Vale do São Francisco. Este reservatório operava, em 05 de dezembro, com pouco mais de 7% de sua capacidade total, segundo dados da Companhia Hidroelétrica São Francisco (Chesf). Melonicultores que plantam em regiões próximas aos rios conseguem irrigar a cultura com menos preocupação, enquanto que os demais enfrentam dificuldades para bombear a água para a irrigação. Neste cenário, a produtividade no Vale esteve menor neste ano. De janeiro a novembro, o rendimento médio declarado por produtores foi de 25,9% toneladas/hectare, queda de 8% frente ao mesmo período do ano passado. O planejamento da Chesf é reduzir, de modo gradativo, a vazão do reservatório. Essa alternativa vem de encontro às necessidades da região, uma vez que com a menor vazão, gastos adicionais com a utilização das bombas e flutuantes poderão ser poupados. Para 2017, ainda é incerta a influência do fenômeno *La Niña*, que traz chuvas para o Nordeste brasileiro e pode atuar com maior intensidade no verão. De qualquer forma, se o País não passar por nenhum fenômeno em no próximo ano, as chuvas típicas no Vale devem ocorrer no primeiro semestre. Isso aliviaria a preocupação quanto à falta de água para irrigação, mas ao mesmo tempo poderia prejudicar as atividades de campo, impactando na produtividade.

### Com oferta reduzida, preço do melão atinge recorde em março/16

Os preços do melão ficaram acima dos de 2015 apenas em quatro meses deste ano (de fevereiro a abril e em agosto), mesmo com a oferta reduzida da fruta durante o ano todo. Em março, devido à baixíssima disponibilidade, o melão amarelo tipo 6 e 7 teve preço médio de R\$ 48,13/cx de 13 kg na Ceagesp, recorde nomi-

**Isabela Costa (esq.) e  
Mariane Novais Olegário de Souza**  
são analistas de mercado de MELÃO.  
Entre em contato: [hfmelao@cepea.org.br](mailto:hfmelao@cepea.org.br)  
Acesse: [hfbrasil.org.br/melao](http://hfbrasil.org.br/melao)



nal da série histórica do Cepea, iniciada em 2001. Produtores da região do Vale do São Francisco não conseguiram intensificar a colheita no mês, por conta de uma pausa no plantio em janeiro, quando as chuvas limitaram a atividade. Além disso, a região do Rio Grande do Norte/Ceará finalizou a safra 2015/16 em março. Em agosto, a oferta restrita no mercado interno também foi a causa da alta nos preços. Para os demais meses do ano, a demanda enfraquecida, devido ao bolso mais apertado do consumidor, limitou a alta nas cotações da fruta, mesmo que a oferta não tenha sido elevada. Para as festas de fim de ano, a disponibilidade também deve ser menor que a de 2015. O Vale do São Francisco não intensificou o plantio para colher no período por conta da restrição hídrica. O RN/CE também tem área menor neste ano, mas o volume destinado ao mercado doméstico ainda vai depender da demanda externa.

### Novos clientes podem ser alternativas contra estoques lotados na Europa

Mesmo com a crise hídrica e queda na produtividade, produtores de melão têm conseguido alcançar o padrão do mercado internacional. O ano de 2016

deve finalizar as exportações de melão brasileiras ainda com foco nos seus tradicionais clientes: Holanda, Reino Unido e Espanha. Entre os meses de agosto e novembro, os três países foram responsáveis por, respectivamente, 46%, 28% e 16% do volume exportado pelo Brasil. Apesar de as exportações seguirem a todo o vapor, agentes do setor ressaltam a importância de enviar a fruta a mercados como Argentina, Oriente Médio, Ásia, entre outros, na tentativa de diminuir a dependência do mercado europeu, considerando a hipótese de saturação dos estoques e baixa demanda. Nos últimos meses de 2016, principalmente a partir de outubro, algumas variedades de melão estavam sobrando nos estoques, principalmente da Holanda, o que pressionou as cotações e limitou os embarques, até mesmo dos que já estavam programados. Na parcial da safra (agosto a novembro), o Brasil enviou 128 mil toneladas da fruta ao exterior, queda/alta de 3% frente ao mesmo período de 2015, segundo dados da Secex. A receita obtida nesses meses foi equivalente a US\$ 88 milhões, valor 6% maior/menor no mesmo período comparativo. Os envios até o final a temporada devem seguir de acordo com a demanda europeia, de modo a não desvalorizar o melão brasileiro.

### Safra da Espanha fecha com saldo positivo

Na entressafra brasileira, a Espanha é o principal fornecedor de melões à Europa. A primeira região do país a ofertar é a de Almería (com colheita a partir de abril), seguida por Murcia, Castilla-La Mancha e Andaluzia. Em 2016, a região de Castilla-La Mancha iniciou a colheita dos melões em julho e concorreu com a produção da fruta em demais áreas espanholas, como é o caso da Murcia. As temperaturas elevadas durante o verão europeu foram consideradas boas aliadas para as vendas. A temporada de melões gália, cantaloupe e amarelo terminou, de modo geral, aproximadamente duas semanas mais cedo do que o habitual na Europa, de acordo com notícia veiculada no *Fresh Plaza*. Murcia e Castilla-La Mancha tiveram limitações nas ofertas para época do ano. Mesmo com preços médios não muito altos, as cotações permaneceram em patamares satisfatórios ao longo da temporada. De acordo com agentes do setor, as promoções realizadas pelos supermercados espanhóis desempenharam um papel importante quando os estoques estavam muito altos. A safra foi destaque, por outro lado, quanto à alta qualidade e perdas mínimas.

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MELÃO\*

\* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2015	2016	Variação (%)
Vale do São Francisco <sup>1</sup>	Petrolina, Santa Maria da Boa Vista e Floresta (PE); Juazeiro e Curaçá (BA)	2.620	2.200	-16%

Região (safra de agosto a março)	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2015/16	2016/17	Variação (%)
Rio Grande do Norte e Ceará	Mossoró, Baraúna e Apodi (RN); Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré (CE)	12.000	11.500	4,2%

<sup>1</sup> A área corresponde à soma da safra principal (colheita de abril a julho) com o período de entressafra e final de ano.

## 2016: ANO DE PREÇOS RECORDES NA CITRICULTURA PAULISTA

### Números dos CITROS em 2016

# Zero

**Previsão de estoque  
de passagem ao final de  
2016/17**

# 59%

**Aumento do preço médio  
da tahiti na parcial de 2016  
(até novembro)**

# 249 milhões de cx

**Estimativa de produção  
de laranja em 2016/17, a menor  
em 28 anos**

# R\$ 26,00 /CX

**Preço máximo  
pago pela grande indústria  
em 2016/17  
(até novembro)**

### Baixa oferta eleva preços dos cítricos em 2016

Em patamares elevados ao longo de 2016, os preços das frutas cítricas acompanhadas pela Hortifruti/Cepea atingiram recordes nominais em grande parte do ano. O impulso veio da baixa oferta na safra 2016/17, decorrente do clima quente durante o “pegamento” dos chumbinhos, em outubro de 2015 (mesmo após floradas consideradas satisfatórias) e, principalmente, da forte demanda industrial. O destaque fica por conta da laranja pera, que chegou a ser negociada a mais de R\$ 40,00/cx de 40,8 kg, na árvore, em novembro; na média daquele mês, a variedade foi cotada a R\$ 34,66/cx, novo recorde nominal para a série Cepea, iniciada em 1994, e expressivo aumento de 112% em relação ao mesmo mês de 2015. Primeira fruta cítrica a sinalizar preços elevados em 2016, a tangerina poncã atingiu, em março, média de R\$ 65,24/cx, na árvore. Para a tangor murcote, o maior valor foi registrado em setembro, de R\$ 89,47/cx.

### Safra 2016/17 é estimada em 249,04 milhões de caixas

Por mais uma temporada, a produção de laranja deve cair. Conforme estimativa do Fundecitrus publicada em setembro/16, a safra 2016/17 do cinturão citrícola (São Paulo e Triângulo Mineiro) deve totalizar 249,04 milhões de caixas de 40,8 kg, volume 17,2% inferior ao da 2015/16 e o menor em 28 anos. Também há perspectiva de baixo rendimento industrial, uma vez que as chuvas reduzem a concentração de sólidos solúveis nas frutas. Relatório da CitrusBR de agosto apontou que, para se produzir uma tonelada de suco de laranja, seriam necessárias 291,8 caixas na média da temporada 2016/17, o segundo pior re-

sultado da história. A menor produção, por sua vez, tem antecipado a finalização da safra. Normalmente encerrada em dezembro, a colheita terminou em agosto e setembro em algumas regiões, segundo relatos de citricultores. Para a pera temporã, o início das atividades foi adiantado, com registros de comercialização desde outubro.

### Preços na indústria também batem recordes nominais

Prevendo uma quantidade limitada de fruta ao longo da temporada 2016/17, indústrias paulistas de processamento adiantaram as aquisições no *spot* para março, três meses antes do período usual. Além da boa demanda, as remunerações oferecidas pelas processadoras atingiram recordes nominais de toda a série do Cepea, iniciada em 1994. A média de novembro, de R\$ 25,35/cx de 40,8 kg (com colheita e frete inclusos), superou em 82,4% a de nov/15. Os valores do final da safra, que chegaram a R\$ 26,00/cx para a laranja pera e as tardias, foram aproveitados por poucos citricultores, já que grande parte havia comprometido sua produção antecipadamente. Além dos altos preços e do adiantamento dos contratos, neste ano, outro fator que chamou a atenção foi o pagamento de valores iguais para as precoces e para as laranjas de meia-estação – nos outros anos, havia desconto de cerca de 25% no preço pago pelas precoces –, reforçando a elevada necessidade industrial.

### Estoques da safra 2016/17 podem ser os menores da história

Além de reduzir o processamento industrial, a baixa produção de laranja no cinturão citrícola (São Paulo e Triân-

gulo Mineiro) pode praticamente zerar os estoques de passagem, cenário nunca antes verificado na história da citricultura. Segundo relatório divulgado pela CitrusBR, ao final de junho/17, o volume de suco estocado deve se limitar a pouco mais de 2 mil toneladas, o menor nível da história e bem abaixo da quantidade considerada estratégica, de 300 mil toneladas. Vale lembrar que a estimativa de estoques praticamente zerados não leva em consideração uma possível redução nas vendas de suco de laranja, postura que provavelmente será adotada pelas indústrias paulistas como forma de manter ao menos um pouco de suco em estoque. Contudo, mesmo com limitação nas vendas, não há expectativa de que os estoques finais, em junho de 2017, fiquem superiores a 100 mil toneladas.

### Queda na oferta global faz preço internacional do suco disparar em 2016

As perspectivas de oferta restrita no Brasil e na Flórida impulsionaram os preços do suco de laranja e da matéria-prima em 2016, cenário que deve se estender no próximo ano. Desde outubro, as cotações do suco na Bolsa de Nova York operam acima de US\$ 3.000/tonelada. Assim, produtores paulistas que fecharam contratos com adicionais de participação baseados no preço do suco no mercado externo podem ser beneficiados pelos patamares elevados da *commodity*, ao mesmo tempo em que indústrias têm a possibilidade de comercializar o suco a preços superiores, compensando, pelo menos em partes, a redução no volume. A desvantagem, porém, fica por conta do reajuste dos preços repassado ao varejo, que poderia limitar o consumo do produto.

### Exportações de suco têm leve recuo em 2015/16

As exportações brasileiras de suco de laranja fecharam a safra 2015/16 (de julho/15 a junho/16) em ligeira queda. Segundo dados da Secex, o Brasil exportou a todos os destinos 1,14 milhão de toneladas, em equivalente concentrado, recuo de 4% em relação aos envios da safra anterior. A redução ocorreu basicamente nos embarques de suco concentrado, de 6% – o suco não concentrado registrou aumento de 8%. O motivo para a queda nas exportações foi a menor demanda norte-americana – na temporada anterior, as importações dos Estados Unidos foram bastante elevadas. Em 2016/17, estima-se nova redução nos embarques brasileiros de suco, reforçada pela baixa disponibilidade da *commodity* nas indústrias. Na parcial da safra 2016/17 (julho a novembro/16), as exportações totais de suco recuaram 4% em relação ao mesmo período da temporada anterior, totalizando 421,7 mil toneladas. Em receita, foram arrecadados US\$ 721,9 milhões, alta de 1% no mesmo período – em moeda nacional, o recebimento foi de R\$ 2,3 bilhões, queda de 10%.

### Flórida acumula mais um ano de safra reduzida

Depois de registrar a menor produção em 52 anos na safra 2015/16, a temporada atual da Flórida (2016/17) sinaliza nova queda, dificultando ainda



**Caroline Ribeiro (esq.) e  
Fernanda Geraldini Palmieri**

são analistas de mercado de CITROS.

Entre em contato: [hfcitros@cepea.org.br](mailto:hfcitros@cepea.org.br)

Acesse: [hfbrasil.org.br/citros](http://hfbrasil.org.br/citros)



mais o cenário da citricultura local. O USDA estima que sejam produzidas 72 milhões de caixas de 40,8 kg, redução de 12% em relação à safra passada. O resultado final da produção dos EUA será divulgado em 2017, mas agentes não esperam número muito distante do estimado pelo USDA, considerando-se que a taxa de queda continua acima do normal e o tamanho dos frutos está abaixo da média, decorrentes do *greening*. Além dos efeitos da doença, outro fator de preocupação aos produtores locais em 2016 foi a passagem de dois furacões pela Flórida, depois de mais de dez anos sem a ocorrência destes fenômenos – contudo, não houve prejuízos aparentes à citricultura local. Neste cenário, mais um ano de baixa produção de laranja (e, conseqüentemente, de suco) na Flórida deve resultar em queda nos estoques locais, o que pode elevar a necessidade de importação da *commodity* em um ano de baixa disponibilidade de suco no Brasil, maior produtor mundial.

### Tahiti mantém preços elevados em 2016

Os preços da lima ácida tahiti permaneceram elevados durante praticamente o ano todo, atingindo novos recordes. Mesmo no período de pico de oferta (janeiro a março), as cotações se sustentaram em patamares considerados elevados para a época, impulsionados pela demanda aquecida da indús-

tria. Além disso, houve intensificação das exportações à Europa, reduzindo significativamente a disponibilidade no mercado doméstico. Os valores da fruta começaram a se elevar com força ainda no primeiro semestre (meados de abril), quando, normalmente, são mais baixos. Mesmo não tendo ultrapassado os R\$ 100,00/cx de 27 kg, colhida, registrados em 2015, em todos os meses de 2016 (até outubro), com exceção de janeiro, as médias foram recordes para o período, animando produtores. Na média parcial do ano (janeiro a novembro), a tahiti teve média de R\$ 43,78/cx, aumento de 59% em relação ao mesmo período de 2015, em termos nominais. Para 2017, as perspectivas continuam se pautando no volume a ser demandado pela indústria, na quantidade a ser exportada e no clima. Segundo co-

laboradores da Hortifruti/Cepea, as expectativas são de maiores quantidade e qualidade das frutas, tendo em vista o clima mais favorável em 2016, bem como o bom andamento das floradas nos pomares paulistas.

## Safra 2017/18 tem bom desenvolvimento

Após floradas e “pegamento” satisfatórios, produtores de laranja estão otimistas com a safra 2017/18. Embora seja cedo para estimar, acredita-se que a produção deva superar a atual. O clima mais ameno e úmido no estado de São Paulo favorece o desenvolvimento das plantas. Além disso, a retomada dos investimentos em tratamentos culturais, impulsionada pelos maiores preços de 2016, reforça a expectativa de aumento na produção. Nos anos de cotações

em baixa, muitos produtores deixam de adubar os pomares.

## Contratos para 2017/18 já são negociados a preços altos

Desde o final de outubro, tem sido verificado forte interesse de indústrias em fechar contratos para a safra 2017/18. Inicialmente, os preços ainda estavam indefinidos, mas em meados de novembro, foram ofertados contratos por até R\$ 25,00/cx de 40,8 kg, para a fruta colhida e posta na processadora. Os altos valores sinalizam novamente um ano de elevada demanda industrial, como tentativa de recuperar pelo menos parte dos estoques de suco. Produtores, por sua vez, evitam fechar contratos com tanta antecedência, dada a possibilidade de os preços subirem mais quando a safra se aproximar.

## ESTATÍSTICA DE OFERTA - CITROS

SÃO PAULO (safra comercial: julho a junho)		Fonte	2015/16	2016/17*	Varição (%)
Volume de Produção <sup>1</sup>	milhões de caixas	Fundecitrus	300,65	249,04	-17,2%
Produtividade <sup>1</sup>	caixas/pé	Fundecitrus	1,73	1,40	-19,1%
Pés em Produção <sup>1</sup>	milhões de árvores	Fundecitrus	174,13	175,55	0,8%
Produção de Suco <sup>2</sup>	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	865,46	708,50	-18,1%
Vendas de Suco nos mercados interno e externos <sup>2</sup>	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	1.041,00	1.075,00	3,3%
Estoque Final de Suco <sup>2</sup>	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	351,57	2,07	-99,4%

\* Os dados de 2015/16 são passíveis de alterações.

<sup>1</sup> Os dados de volume de produção, produtividade e de pés em produção abrangem a produção paulista e do Triângulo Mineiro

<sup>2</sup> Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ (suco de laranja concentrado e congelado). Dados de produção de suco, exportação e estoque referentes à 2015/16 são estimativas de julho/15 da CitrusBR.

FLÓRIDA (safra comercial: outubro a setembro)		Fonte	2015/16*	2016/17*	Varição (%)
Volume de Produção	milhões de caixas	USDA	81,50	72,00	-11,7%
Produtividade	caixas/pé	USDA	1,50	1,38	-8%
Pés em Produção	milhões de árvores	USDA	54,38	52,20	-4%
Disponibilidade de Suco <sup>2</sup>	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	863,20	796,73	-7,7%
Vendas <sup>2</sup>	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	577,06	519,36	-10%
Estoque Final de Suco <sup>2</sup>	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	289,02	215,98	-25,3%

\* Os dados de 2016/17 são passíveis de alteração.

<sup>2</sup> Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ (suco de laranja concentrado e congelado). Dados referentes a 2016/17 são cálculos do Cepea, considerando as estimativas de produção e rendimento do USDA e redução de 10% nas vendas.



**AGRISTAR**  
CONFIANÇA NO AMANHÃ

**MOVIDA PELA PAIXÃO AO CAMPO  
E PELO DESAFIO DE SUPERAR LIMITES.**

Com mais de 50 anos no mercado, a Agristar é hoje uma das maiores empresas do país na produção e comercialização de sementes.

Com capital 100% nacional e com uma ampla e moderna infraestrutura, a Agristar tem orgulho de conhecer a nossa terra e aqui desenvolver e testar toda a tecnologia necessária para oferecer produtos de alto desempenho.

Essa é a Agristar, uma empresa que acredita na agricultura, na força do produtor brasileiro e principalmente em um amanhã cada vez melhor.



Que **2017** seja um ano repleto de **alegria, paz e prosperidade.**

*Feliz Ano Novo*

LINHAS:

## PROBLEMAS CLIMÁTICOS NO RS IMPULSIONARAM PREÇOS EM 2016

### Números da MELANCIA em 2016

# 19%

**Recuo na área em  
Lagoa da Confusão e formoso do  
Araguaia (TO)**

# R\$ 1,12/kg

**Maior preço mensal (abril/16)  
em Presidente Prudente (SP)  
desde outubro/14,  
considerando todas as regiões**

# 254 mm

**Volume de chuva  
registrado em Triunfo (RS)  
(outubro)**

# 53,75 mil toneladas

**Exportação recorde  
da série histórica da Secex  
(setembro/15 a abril/16)**

### Área e produtividade em TO foram menores em 2016

A área de melancia em Lagoa da Confusão (TO) e Formoso do Araguaia (TO) recuou 19% neste ano em comparação com 2015, principalmente em função do receio de falta de água para irrigação, visto que o nível dos rios que abastecem a região estava baixo. Além da redução de área, produtores também atrasaram cerca de 15 dias o início do plantio, no aguardo das chuvas em abril. As precipitações vieram fortes em junho e impactaram na produtividade e qualidade das primeiras lavouras colhidas naquele mês. No final da temporada, em setembro, o calor adiantou a maturação das melancias. Apesar deste cenário, o preço médio de venda da fruta graúda (>12 kg) entre junho e setembro foi de R\$ 0,58/kg, valor 23,4% superior ao do mesmo período de 2015, e uma produtividade média de 32 t/ha. Se as chuvas não retomarem em volume esperado em 2017, produtores de TO podem reduzir ainda mais a área plantada.

### Mais um ano de rentabilidade positiva em GO

A região de Uruana (GO) ofertou melancia de abril a outubro na temporada 2016. Apesar do aumento de 11% na área de plantio frente a 2015 e boa produtividade (média de 53 t/ha), os preços ficaram em bons patamares. Isso porque, a menor oferta da safra paulista e de Tocantins impulsionou as cotações da fruta goiana, que estava com boa qualidade. O preço médio de venda da melancia graúda (>12 kg), coletado pelo Hortifruti/Cepea na temporada (abril a outubro/16), foi de R\$ 0,59/kg, valor 5,5% acima do registrado na temporada 2015, resultando em rentabilidade positiva. Diante deste cenário, produtores estão animados para investir na cultura em 2017.

### BA é beneficiada pela baixa qualidade e oferta restrita em SP e RS

A colheita da temporada 2015/16 em Teixeira de Freitas (BA) começou em novembro/15 e os preços ficaram em bons patamares até o final da safra, em abril/16. A região baiana contou com clima favorável à produção, o que manteve o rendimento médio das lavouras em 51 t/ha, ofertando frutas com excelente qualidade. Produtores também foram beneficiados pela baixa qualidade das melancias da safra paulista e oferta restrita no RS – devido às perdas climáticas de 2015. Este cenário fez com que o preço médio da melancia graúda (>12 kg) registrasse valor 78,3% superior a safra 2014/15. A temporada 2016/17 iniciou em novembro, com boa produtividade e frutas de boa qualidade.

### Excesso de chuva no RS causa prejuízos na safra 2015/16

A safra 2015/16 de Arroio dos Ratos, Encruzilhada do Sul e Bagé (RS) não teve bons resultados. O excesso de chuva entre setembro e dezembro/15 acarretou em perdas de mudas no campo e problemas com doenças. Especificamente em dezembro/15, quando foi iniciada a colheita, fortes chuvas impactaram na produtividade e qualidade das melancias sulistas. Já no final da temporada, as altas temperaturas adiantaram a maturação e anteciparam o fim da colheita em um mês, para março. De dezembro/15 a abril/16, o preço médio da melancia graúda (>12 kg) foi de R\$ 0,76/kg. Apesar do valor ter sido elevado, a baixa produtividade e as perdas comprometeram a receita de boa parte dos produtores.

### Clima deve prejudicar novamente a produção sulista 2016/17



**Carolina Camargo Nogueira Sales (esq.) e**

**Mariane Novais Olegário de Souza**

são analistas de mercado de MELANCIA.

Entre em contato: [hfmelancia@cepea.org.br](mailto:hfmelancia@cepea.org.br)

Acesse: [hfbrasil.org.br/melancia](http://hfbrasil.org.br/melancia)

A área de produção no Sul do País foi reduzida em 4,8% para a atual safra 2016/17, reflexo dos prejuízos da última temporada e das chuvas acompanhadas de granizo em outubro que novamente castigaram a região. Naquele mês, a Somar Meteorologia computou 254 mm de chuva em Triunfo, volume 91% superior à normal climatológica da região. Este cenário deve fazer com que as primeiras frutas da temporada 2016/17 cheguem ao mercado apenas em meados de dezembro/16, 15 dias após o período habitual. Além do atraso no desenvolvimento das frutas, produtores já indicam que a produtividade das primeiras lavouras também deve ser inferior, o que pode impulsionar os preços da fruta graúda de boa qualidade.

### Redução nos investimentos eleva preço na safriinha paulista em 2016

Nas regiões de Itápolis, Marília e Presidente Prudente (SP), a área de produção da safriinha paulista em 2016 (março a maio) reduziu 15% frente a safriinha/15. Os altos custos de produção somados às incertezas climáticas e ao resultado abaixo do esperado na safra principal de 2015 geraram esta retração na área. Além disso, em alguns casos, agricultores tiveram dificuldade em receber pela fruta comer-

cializada na safra principal 2015. Com a redução nos investimentos na safriinha somada à menor produção no Sul, o preço médio da fruta graúda ficou 66% acima do valor entre março e maio de 2015. Em Presidente Prudente, a melancia graúda (>12 kg) chegou a R\$ 1,12/kg em abril, maior preço médio mensal de toda a série do Cepea (iniciada em outubro/14), considerando todas as regiões. Quanto à safriinha de 2017, produtores ainda pretendem manter a área de produção, o que vai depender dos resultados obtidos na atual safra principal 2016.

### Área da safra principal 2016 aumentou 17% em SP

Com bons resultados na safriinha/16, melancicultores de Itápolis, Marília e Presidente Prudente (SP) aumentaram em 17,2% a área plantada na safra principal, cuja colheita ocorre de setembro/16 a janeiro/17. Inicialmente, as expectativas eram de que o clima seco, com o *La Niña*, beneficiasse a produção neste ano. Porém, o frio durante os meses de agosto e setembro/16 impactou negativamente na produtividade e na qualidade das primeiras frutas colhidas, além de reduzir a demanda. A fruta graúda (>12kg) foi comercializada de setembro até 09 de dezembro na mé-

dia de R\$ 0,43/kg, valor 14% inferior ao registrado no mesmo período de 2015 e 37% acima do custo de produção. A safra principal deve seguir até janeiro/17.

### Exportações de melancia batem recorde na safra 2015/16

A temporada 2015/16 (de setembro/15 a abril/16) de exportação de melancia, sobretudo sem semente, registrou volume recorde. Foram enviadas 53,75 mil toneladas da fruta, maior volume desde 1997, início do levantamento da Secex. A produção da melancia exportada é concentrada no Rio Grande do Norte/Ceará. Com excesso de frutas no mercado internacional, os preços praticados em dólar foram considerados insatisfatórios por exportadores brasileiros. Na safra, a fruta brasileira foi negociada no Porto de Roterdã (Holanda) à média de US\$ 0,74/kg, valor 43% inferior ao registrado no mesmo período de 2014/15, quando o preço FOB foi de US\$ 1,30/kg (AMS/USDA). Por outro lado, o câmbio garantiu receita, em Reais, o dobro (260%) em relação à obtida em 2014/15. Já a atual temporada 2016/17, que teve início em setembro, já vem indicando volumes superiores de frutas embarcadas, mesmo com a crise hídrica no RN/CE.

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MELANCIA\*

\* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2015	2016	Varição (%)
Tocantins	Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia	8.000	6.500	-18,8%
Goiás	Uruana	4.500	5.000	11,1%
São Paulo	Presidente Prudente, Marília, Oscar Bressane e Itápolis	10.259	10.717	4,5%
Rio Grande do Sul	Arroio dos Ratos, Triunfo, Montenegro, Encruzilhada do Sul e Bagé	8.400	8.000	-4,8%
Bahia	Teixeira de Freitas	3.600	4.000	1,11%
Chapada do Apodi (RN) e Baixo Jaguaribe (CE)	RN: Mossoró, Baraúna e Apodi - CE: Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré	2.000	2.000	0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

## SECA REDUZ ÁREA E PRODUTIVIDADE E ELEVA PREÇO EM 2016

### Números do MAMÃO em 2016

**-9,9%**

**Recuo na área de mamão em 2016**

**R\$ 5,04/kg**

**Maior preço médio mensal de havaí ao produtor no Espírito Santo (maio)**

**-22%**

**Queda na produtividade do formosa no Norte de Minas**

**+20%**

**Aumento no custo de produção do havaí no Sul da Bahia**

### Crise hídrica impacta na produção de mamão em 2016

Em 2016, a produção de mamão foi significativamente afetada pela crise hídrica nas regiões produtoras, principalmente no norte do Espírito Santo. Além do impacto na área plantada, a falta de água para irrigação dos pomares resultou em queda de produtividade, o que limitou o volume disponível da fruta tanto para o mercado interno quanto para o externo. Com o clima quente e seco, produtores se preocuparam com o bom desenvolvimento do mamão. Isso porque, em boa parte deste ano, a qualidade da fruta esteve pouco satisfatória, com maior incidência de manchas fisiológicas e frutas miúdas em quase todas as regiões produtoras. Diante deste cenário, os preços ficaram firmes em 2016, o que não animou produtores em realizar novos investimentos. No estado capixaba, por exemplo, apesar da volta das chuvas a partir de novembro, os efeitos da crise hídrica não serão revertidos imediatamente – nos últimos três anos, a região registrou precipitações abaixo da média histórica.

### Sem chuva, regiões produtoras têm queda em área cultivada

Em 2016, a área de mamão nas regiões acompanhadas pela Hortifruti/Cepea caiu 9,9% em comparação com 2015, somando 13.805 hectares. No geral, houve dificuldade no plantio de novas áreas e na manutenção das existentes, devido à falta de água nas regiões produtoras. O Espírito Santo registrou a queda mais expressiva, de 18%. Segundo produtores, a seca afetou a produtividade e, apesar de diminuir a incidência de doenças fúngicas na cultura, aumentou a presença de ácaros. No Norte de Minas Gerais, a área e a produtividade

foram menores em 2016 (30% e 22%, respectivamente). O recuo de 30% ocorreu pela pressão do *roguing* (eliminação das plantas doentes), por conta do vírus do mosaico, que foi mais severo na região e desestimulou a expansão da área e os investimentos. Além disso, a falta de água também afetou a irrigação, que é importante para garantir boa produtividade e qualidade do mamão. Outras importantes regiões produtoras, por sua vez, mantiveram a área neste ano: o Sul e Oeste da Bahia e o Rio Grande do Norte. No início de 2017, o investimento em área na maioria dos estados deve seguir limitado pela restrição hídrica.

### Cotações do mamão estiveram elevadas em 2016

Com a queda na produtividade e na área em 2016, as cotações médias de mamão na parcial do ano (de janeiro a novembro) estiveram acima das observadas em 2015, tanto para o formosa quanto para o havaí. Entre janeiro e novembro, o havaí 12-18 foi negociado a R\$ 2,03/kg na média das regiões produtoras do Sul da Bahia e do Espírito Santo, valor 151% maior do que o de mesmo período do ano passado. O maior preço desta variedade registrado no ano foi em maio, no Espírito Santo, quando produtores venderam a R\$ 5,04/kg, em média – este também foi o maior preço nominal de toda a série do Cepea, iniciada em 2001. Já o formosa foi comercializado em média a R\$ 1,52/kg, valor 162% acima na mesma comparação.

### Apesar de aumento no custo, rentabilidade unitária foi positiva em 2016

Produtores da maioria das regiões acompanhadas pela Hortifruti/Cepea tiveram rentabilidade unitária positiva em 2016, devido aos maiores preços rece-



**Marcela Guastalli Barbieri**

é analista de mercado de MAMÃO.

Entre em contato: [hfmamao@cepea.org.br](mailto:hfmamao@cepea.org.br)

Acesse: [hfbrasil.org.br/mamao](http://hfbrasil.org.br/mamao)



bidos pela fruta. Esse bom desempenho ocorreu até mesmo com o aumento dos custos com a cultura. Contudo, com o baixo volume colhido nos períodos de valores mais elevados, a rentabilidade foi limitada. Outro fator de impacto foi a crise econômica no País, que resultou em queda na comercialização do mamão. No Sul da Bahia, houve aumento de 20% nos custos médios de havi frente a 2015, cenário que também ocorre nas demais regiões, principalmente devido à queda na produtividade. Em junho, a oferta se regularizou com a colheita de cachos resultantes das precipitações significativas de janeiro. O excesso de fruta em junho pressionou as cotações, que estiveram próximas do valor mínimo estimado por produtores para cobrir os custos de produção. Em outubro e novembro, as cotações do havi foram inferiores ao custo. Segundo produtores, 2016 deve acabar com produtividade baixa, custo de produção em alta e sem expectativa de aquecimento na procura pelo mamão nas principais regiões consumidoras, devido à instabilidade econômica do País. Com isso, a rentabilidade unitária pode continuar limitada.

## Seca afeta exportação de mamão em 2016

As exportações brasileiras de mamão estão limitadas em 2016. Isso porque, devido à seca, houve queda de produtividade da fruta nas principais regiões exportadoras, sendo o norte do Espírito Santo uma das mais afetadas. A menor qualidade do mamão foi outro fator que influenciou nas exportações neste ano. A maior quantidade de frutos miúdos e as manchas fisiológicas limitaram o volume de mamão, que ficou abaixo do padrão exigido pelo mercado externo. Outro possível limitante para o crescimento dos envios é a competição com o México. Na parcial do ano (janeiro a novembro), as exportações de mamão brasileiro somaram 33,9 mil toneladas, volume 7% menor que no mesmo período do ano anterior, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Em receita, os envios totalizaram US\$ 38,98 milhões, queda de 3% na mesma comparação. A previsão de exportadores para 2017 é que o mercado volte a se aquecer, devido à expectativa de melhores qualidade e pro-

ductividade da fruta. No entanto, esses fatores ainda dependem do comportamento do clima, que pode novamente limitar envios mais expressivos.

## Melhores perspectivas são esperadas para 2017

Produtores, no geral, estão animados com os resultados obtidos com a cultura do mamão em 2016. Ainda assim, um possível aumento nos investimentos em 2017 ainda não é sinalizado, já que a crise hídrica ainda é um fator limitante. Desde novembro, contudo, as chuvas têm sido mais regulares nas regiões produtoras (em Pinheiros/ES, por exemplo, choveu acima da média histórica para aquele mês), e mesmo que ainda não seja suficiente para reverter os efeitos da crise hídrica, as precipitações mais frequentes são um alento aos mamocultores. Além disso, há expectativa de que a crise econômica também seja amenizada no próximo ano, o que pode favorecer o consumo da fruta.

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAMÃO\*

\*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2015	2016	Variação (%)
Espírito Santo*	Região de Pinheiros (Montanha, Pedro Canário e Boa Esperança) e Linhares (Sooretama, Rio Bananal e Jaguaré)	5.860	4.790	-18,3%
Oeste da Bahia	Barreiras, Luiz Eduardo Magalhães, Santa Maria da Vitória, Bom Jesus da Lapa e São Felix do Coribe	1.265	1.265	0%
Sul da Bahia	Teixeira de Freitas, Nova Viçosa, Itabela, Prado, Porto Seguro, Vereda, Itamarajú, Belmonte, Caravelas, Alcobaça, Mucuri, Eunápolis, Ibirapuã e Santa Cruz Cabrália	5.600	5.600	0%
Rio Grande do Norte	Mossoró e faixa de São José de Mipibu a Touros	1.100	1.100	0%
Norte de Minas	Janaúba, Jaíba e Montes Claros	1.500	1.050	-30%

\* A área de mamão no Espírito Santo foi revisada em junho/16. Os dados foram ajustados a partir de 2015.

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

## COM OFERTA RESTRITA, PREÇOS FICAM ELEVADOS O ANO TODO

**Números da MAÇÃ em 2016**

**+150%**

**Aumento das importações de maçãs do Chile (janeiro a novembro)**

**R\$ 82,23 /CX de 18 kg**

**Média dos preços das regiões produtoras (janeiro a novembro)**

**-20,5%**

**Queda na produtividade média da safra 2015/16 declarada pelos produtores**

**-5,3%**

**Recuo na área de Fraiburgo na safra 2016/17**

### Área reduz para a safra 2016/17

A previsão para a área total da safra 2016/17 é de queda frente a 2016/15. A região que pode ter redução de área é Fraiburgo (SC), com baixa de 5,3% frente a anterior. Já a região de São Joaquim (SC) pode ter leve alta na área, que não deve compensar totalmente a queda de Fraiburgo. As regiões gaúchas devem manter a área, devido à oferta limitada de mudas, que está disponível apenas para recompor pomares velhos. Para 2017, produtores esperavam recuperação no volume de produção e na rentabilidade. Entretanto, as intempéries climáticas a partir da segunda quinzena de outubro/16 já contabilizaram perdas para parte dos produtores, sobretudo aqueles que não têm cobertura de pomar. A atenção com o cancro europeu deve seguir firme, além dos investimentos em tela para proteção contra granizo, com a intenção em maximizar a qualidade para as próximas safras.

### Quebra de safra limita rentabilidade

O volume de maçãs colhido na safra 2015/16 foi menor se comparado à safra anterior. A estimativa de colaboradores do Cepea é que a redução na produtividade tenha sido de 20,5%, em média. A quebra de safra teve variações de acordo com as regiões mais atingidas por granizo e geadas fora de época no segundo semestre de 2015 – alguns produtores chegaram a ter perdas de 50%. São Joaquim (SC) foi a região que teve os pomares menos afetados, enquanto Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS) foram as mais atingidas pelas intempéries. Além da quebra de safra em volume, o perfil das frutas também mudou: a oferta de maçãs graúda Cat 1 esteve reduzida ao longo de todo o ano, garantindo altos preços – a média de preços da gala graúda

Cat 1 foi de R\$ 82,23/cx de 18 kg nas regiões produtoras (janeiro a novembro), alta de 56,93% frente aos mesmos meses de 2015. Ainda com custo de produção alto, a limitação de volume foi um entrave para uma boa rentabilidade dos maleicultores.

### Crises política e econômica exigem “jogo de cintura” dos maleicultores

O ano de 2016 foi considerado desafiador para o setor da maleicultura. Além da quebra de safra, as crises política e econômica causaram um impacto negativo no mercado de frutas como a maçã. De acordo com atacadistas de São Paulo consultados pelo Hortifruti/Cepea, as compras da maçã nacional foram em menor volume em 2016 frente aos anos anteriores. Consumidores também estiveram mais cautelosos durante as aquisições, levando menos maçãs para casa. Além disso, os preços inflacionados das maçãs nacionais deram espaço às importadas, que apresentaram cotações competitivas no mercado brasileiro. Neste cenário, os valores tiveram comportamento atípico, pois ficaram elevados durante o período de colheita e em leve queda no segundo semestre. Desta forma, a tendência é que os preços para os últimos meses do ano sejam equivalentes aos da safra anterior. Em abril deste ano, as cotações da gala graúda Cat 1 em São Paulo estiveram 97% maiores em relação ao mesmo período de 2015. Já em novembro, a diferença entre os dois anos caiu para 14,62%. Maleicultores consultados pelo Hortifruti/Cepea acreditam que, apesar dos desafios durante 2016, os impactos negativos foram minimizados de acordo com as metas e estratégias traçadas por cada empresa. Para a safra 2016/17, a expectativa é de recuperação do setor, tanto quanto à produção quanto aos investimentos no campo. As frutas da próxima temporada já estão



**Isabela Costa**

é analista de mercado de MAÇÃ.

Entre em contato: [hfmaca@cepea.org.br](mailto:hfmaca@cepea.org.br)

Acesse: [hfbrasil.org.br/maca](http://hfbrasil.org.br/maca)



em pleno desenvolvimento, mas contam com investimentos limitados com cobertura de pomares, por exemplo. A torcida dos produtores é que o clima seja favorável no início de 2017 para uma boa safra.

## Inverno mais rigoroso em 2016 favorece produtividade

A partir de junho/16, os pomares do Sul entraram em dormência, já se preparando para a safra 2016/17. O inverno deste ano foi mais rigoroso, o que contribuiu para recuperação da produtividade - as horas e unidades de frio ficaram acima da média histórica. Nas regiões produtoras, as podas de formação e produção e o arqueamento de ramos da macieira também foram realizados em junho. A quebra de dormência ocorreu em agosto, com a brotação dos pomares. Com clima favorável, a florada plena aconteceu no final de setembro, junto à polinização. O clima também esteve propício no início do “pegamento”. Mas, em meados desse último mês, houve excesso de chuvas na região Sul do País, principalmente no Rio Grande do Sul, cenário que prejudicou o final do pegamento. Apesar de as atividades de

raleio químico e manual se concentrarem entre outubro e novembro, a intensidade de raleio foi diferente de acordo com a região dependendo das condições climáticas - nas localidades com maior queda de frutas por conta dos abortamentos, o raleio está menos intenso para a variedade gala. No final de novembro, o clima já esteve mais favorável, animando maleicultores para a colheita de 2017.

## Brasil importa maior volume em 10 anos; exportações caem

As importações de maçãs ganharam destaque no Brasil este ano. De acordo com dados da Secex, o volume importado é o maior desde 1996 (considerando a parcial de janeiro a novembro). As maçãs chilenas entraram com força na Ceagesp e, no segundo semestre, as europeias também vêm ganhando popularidade entre os compradores. Na parcial do ano, as importações totais de maçã já superaram em 101% as do mesmo período de 2015, somando 133 mil toneladas (Secex).

Os gastos com a aquisição dessas maçãs atingiram US\$ 117 milhões, alta de 107% na mesma comparação. Apenas do Chile, a importação foi 150% maior que a de 2015, no mesmo período comparativo. Por outro lado, as exportações brasileiras de maçã recuaram significativamente, devido à quebra de safra, concorrência externa e atratividade do mercado doméstico - com o preço elevado no País, os envios externos não estavam compensando. Em 2016, foram exportadas 30,6 mil toneladas de maçã, queda de 49% em relação ao ano passado (Secex). A receita obtida foi de US\$ 18 milhões, valor 55% menor do que em 2015. Com as compras superando, e muito, as vendas externas, a balança comercial brasileira do setor de maçãs frescas está em US\$ 100 milhões negativos.



## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAÇÃ\*

\*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha)		
		2015 (a)	2016 (b)	Varição (%)
Vacaria (RS)	Vacaria, Antônio Prado, Ipê, Bom Jesus, São José dos Ausentes, Monte Alegre dos Campos e Muitos Capões	11.202	11.202	0%
Caxias do Sul (RS)	Caxias do Sul, Veranópolis, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Farroupilha, São Marcos	2.176	2.176	0%
Fraiburgo (SC)	Fraiburgo, Água Doce, Lebon Régis, Monte Carlo, Tangará, Rio das Antas e Santa Cecília	5.668	5.368	-5,3%
São Joaquim (SC)	São Joaquim, Lages, Urubici, Urupema, Bom Retiro, Paineira, Bom Jardim da Serra, Bocaína do Sul, Campo Belo do Sul, Capão Alto e Rio Rufino	11.610	11.710	0,9%

(a) Safra 2015/16  
(b) Safra 2016/17

Fonte: Agentes de mercado, ABBM, AMAP e Agapomi.

# MANGA TEM PREÇOS RECORDES

## Números da MANGA em 2016

**+30%**

**Aumento da produtividade**  
produtividade no Norte de Minas

**R\$ 5,41/kg**

**Maior preço da tommy**  
no atacado em toda a série do Cepea  
(maio)

**+33%**

**Aumento do custo médio**  
de produção no Vale do São Francisco

**+20%**

**Aumento da área em**  
Livramento de Nossa Senhora (BA)  
em 2016

### Com maior demanda, preço dobra no Vale do São Francisco

Os maiores preços da manga, considerando toda a série do Hortifruti/Cepea, iniciada em 2001, foram registrados em 2016. No primeiro semestre deste ano, a colheita tardia nas regiões de Livramento de Nossa Senhora (BA) e Jaíba/Janaúba (MG) estimulou a procura pela fruta do Vale do São Francisco (BA/PE), região que atendeu com exclusividade à demanda do mercado nacional, registrando remunerações recordes aos produtores. Assim, mesmo com a alta de 33% no custo médio de produção na região, a rentabilidade foi positiva no primeiro semestre. Entre janeiro e junho deste ano, o preço médio pago ao produtor pela *tommy* no Vale do São Francisco foi de R\$ 2,26/kg, aumento de 98% em relação ao mesmo período de 2015 e 186% maior que o custo médio de produção da variedade. Para a *palmer*, a média dos valores no primeiro semestre foi de R\$ 2,90/kg, 136% maior que no mesmo período do ano passado e 287% acima do valor médio gasto para produzir a fruta. Os preços na Ceagesp acompanhariam a alta, batendo o recorde de toda a série em maio, a R\$ 5,41/kg.

### Mesmo com riscos, Livramento aposta em aumento de área

Nem mesmo o histórico de seca desencorajou a expansão da área de plantio por produtores de Livramento de Nossa Senhora (BA). O momentâneo reestabelecimento do regime hídrico no final de 2015 e início de 2016 e os bons preços na última safra incentivaram mangicultores a aumentar em 20% a área de plantio para 12 mil hectares.

Esse total, contudo, deve ser considerado uma recuperação da área com manga na região. As áreas plantadas em 2015 começarão a ofertar na próxima temporada, mas as regiões plantadas mais recentemente devem iniciar a produção somente em 2017/18. As praças paulistas e o Norte de Minas Gerais também realizaram investimentos em área para 2016, mas em menor intensidade.

### Norte de Minas finaliza safra com preços firmes

A temporada 2016 de Jaíba/Janaúba teve início em maio, com atraso de um mês e oferta abaixo do esperado, devido ao forte calor em dezembro/15. Esse cenário prejudicou a florada, levando à necessidade de realização de novas induções florais em janeiro e fevereiro/16. Ainda assim, a região registrou aumento de 30% na produtividade média em relação à de 2015. Com pico de produção em agosto, Minas Gerais registrou cotações equilibradas graças à diminuição da oferta em Livramento de Nossa Senhora (BA). Grande parte dos mangicultores de Jaíba/Janaúba despachou as últimas cargas de *palmer* em outubro, já outros mantiveram a colheita até novembro. Com a queda no volume disponível, o preço pago ao produtor mineiro entre maio e novembro foi 5% maior em comparação ao mesmo período de 2015. Para a safra 2017, a previsão é de que a colheita se antecipe, uma vez que muitos talhões foram induzidos com paclobutrazol (PBZ) desde o primeiro semestre de 2016. Dessa forma, os mangicultores que realizaram tratamentos culturais com antecedência já começarão a colher em fevereiro/17. Os maiores volumes, porém, são esperados somente entre março e abril, com frutas provenientes

# EM 2016

Ana Clara Souza Rocha e

Rogério Bosqueiro Junior

são analistas de mercado de MANGA.

Entre em contato: [hfmanga@cepea.org.br](mailto:hfmanga@cepea.org.br)

Acesse: [hfbrasil.org.br/manga](http://hfbrasil.org.br/manga)



dos pomares que tiveram sua fase da safra 2016 prolongada para outubro e novembro/16.

## Indústrias processadoras ganham espaço em SP

Nas últimas temporadas de manga, produtores da região de Monte Alto/Taquaritinga (SP) enfrentaram problemas de instabilidade climática, que afetaram o tamanho e aspecto das frutas. Esse cenário levou mangicultores paulistas a aumentar os envios às processadoras, que, diferentemente do mercado in natura, não priorizam calibre e aparência dos frutos. Na safra 2015/16, aproximadamente 40% da produção de manga foi destinada às indústrias, principalmente pela baixa qualidade. Naquela temporada, os preços pagos pelas processadoras paulistas ficaram em R\$ 0,42/kg para a *tommy* e R\$ 0,40/kg para a *palmer*. O volume de manga destinado a este segmento também pode ser expressivo nesta temporada, uma vez que o clima pode, novamente, afetar a qualidade de algumas frutas. Por consequência da instabilidade climática, mangicultores têm apostado em diferentes estratégias de

manejo que visam “driblar” o mal tempo.

## Calendário de colheita é alterado em São Paulo

Em Monte Alto/Taquaritinga, o calendário de colheita da *tommy* e da *palmer* da safra 2016/17 foi modificado. A geada que ocorreu em julho inviabilizou a floração em boa parte dos pomares, levando muitos produtores a retirar manualmente as panículas da primeira floração, induzindo, assim, uma segunda abertura. Para aqueles que deixaram a primeira floração se desenvolver, a colheita da *tommy*, ainda que em menor volume, começou em novembro/16, e da *palmer*, entre novembro e dezembro/16. Para os pomares reinduzidos, as colheitas de *tommy* e de *palmer* devem se iniciar em janeiro e fevereiro, respectivamente. Dessa forma, a safra pode se estender até abril, quase dois meses após o início da última temporada. Em meados de abril, as colheitas em Minas Gerais e na Bahia já devem estar em ritmo acelerado, o que pode resultar em grande volume de manga no mercado interno e, conseqüentemente, em cotações pressionadas.

## Rendimento das exportações brasileiras recua em 2016

Entre agosto e novembro deste ano, os envios de manga aos Estados Unidos tiveram redução de 14% em comparação ao ano passado, somando 26,9 mil toneladas. A remuneração foi proporcional ao volume embarcado e o Brasil faturou US\$ 28 milhões, 15% a menos na mesma comparação. Já os embarques para a Europa têm tido um comportamento diferente e já superaram os números do ano passado. A alta exigência do mercado europeu e a forte competitividade da manga do Peru têm dificultado as comercializações dos brasileiros, mas os envios seguem firmes. De janeiro a novembro deste ano, o volume exportado para a Europa foi de 36,77 mil toneladas, resultando em US\$ 28 milhões, números 9% e 7% maiores, respectivamente, em relação aos mesmos meses do ano passado. Apesar desse resultado, o balanço do ano é negativo para todos os destinos, com recuo de 1% na receita e de 2% no volume até novembro.

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MANGA\*

\*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2015	2016	Varição (%)
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) <sup>1</sup>	Petrolina e Juazeiro	25.750	25.750	0%
Livramento de Nossa Senhora (BA)	Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio	10.035	12.000	19,6%
Monte Alto e Taquaritinga (SP)	Monte Alto, Vista Alegre do Alto, Taquaritinga, Cândido Rodrigues, Fernando Prestes, Talaçu e Itápolis	7.445	8.000	7,5%
Andradina (SP)	Valparaíso, Mirandópolis, Andradina, Guaraçai e Muritinga do Sul	1.062	1.042	-1,8%
Jaíba e Janaúba (MG)	Jaíba, Janaúba e Montes Claros	5.457	5.600	2,6%

<sup>1</sup> Os dados referentes ao plantio em Petrolina e Juazeiro consideram a área pública do perímetro irrigado do Codevasf e a área privada.

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

## PREÇO DA NANICA ULTRAPASSA O DA PRATA PELA PRIMEIRA VEZ EM 2016

### Números da BANANA em 2016

R\$ **2,41/kg**

**Maior preço** da nanica no Vale do Ribeira – recorde nominal da série histórica do Cepea (novembro)

**-28,9%**

**Queda da área** do RN/CE em 2016 frente 2015

**+87%**

**Preço da nanica** do Vale do Ribeira acima do da prata em **outubro**

**-43,2%**

**Queda nos envios** de banana ao Mercosul (janeiro a novembro)

### Área com banana tem leve recuo em 2016

Em 2016, a área cultivada com banana nas regiões acompanhadas pelo Cepea diminuiu ligeiro 0,7% em relação a 2015, totalizando 79.535 hectares. O motivo foi a queda de 28,9% no Rio Grande do Norte/Ceará, tendo em vista que em Delfinópolis (MG) e no Vale do São Francisco (BA/PE), a área aumentou e no Vale do Ribeira (SP), Norte de Santa Catarina, Norte de Minas Gerais e Bom Jesus da Lapa (BA), seguiu estável. O déficit hídrico restringiu investimentos na atividade, principalmente no Nordeste e no Norte. No Sul e Sudeste, as adversidades climáticas no primeiro semestre e início do segundo limitaram a produtividade dos bananais. Para 2017, o clima continuará sendo fator-chave na decisão de ampliação ou redução de área.

### Clima reduz produtividade da nanica no 2º sem

O inverno rigoroso no Sul e Sudeste atrasou o desenvolvimento da banana nanica e reduziu a qualidade (escurecimento da casca) no segundo semestre. Os efeitos das fortes geadas que atingiram os cachos, sobretudo no Vale do Ribeira (SP), foram observados por todo o segundo semestre e podem continuar no início de 2017. Entre junho e novembro, a produtividade da nanica na região paulista caiu 55% frente à do mesmo período de 2015. Assim, o preço da variedade atingiu recorde nominal da série histórica do Cepea (iniciada em 2001) em novembro de R\$ 2,41/kg. No Norte de Santa Catarina, as geadas também causaram redução na oferta e na qualidade no segundo semestre, dificultando a comercialização tanto no mercado interno quanto externo. Mas a queda na produtividade foi menos acentuada que na praça paulista. De janeiro a novembro, o preço

médio da banana nanica foi de R\$ 1,45/kg em SP e de R\$ 0,88/kg em SC, valores 91% e 144% superiores, respectivamente, ao de igual período de 2015.

### Prata não atinge recorde nominal

As cotações da banana prata não atingiram recordes nominais no primeiro semestre. No Norte de Minas Gerais, a variedade foi vendida em março na média de R\$ 2,50/kg, maior valor mensal da série histórica do Cepea (iniciada em 2001). O baixo volume de chuvas continuou refletindo em queda na produtividade e qualidade no Norte de MG e em Bom Jesus da Lapa (BA), embora em menor intensidade que em 2015. A partir de julho, os preços começaram a cair por conta do aumento na oferta. Por outro lado, a demanda firme manteve as cotações acima dos custos e a rentabilidade unitária foi positiva. A baixa produtividade no Sul e Sudeste não só de prata mas também de nanica intensificou os pedidos aos produtores de MG e do Nordeste. De janeiro a novembro de 2016, a prata não de primeira foi vendida a R\$ 1,94/kg no Norte de MG e a R\$ 1,82/kg em Bom Jesus, valores 59% e 58% maiores, respectivamente, que os de igual intervalo de 2015. De acordo com produtores mineiros e baianos, se o regime de chuvas for mais regular em 2017, pode-se pensar em expansão dos bananais para os próximos anos.

### Investimentos em Delfinópolis e no Vale do São Francisco seguem firmes

Produtores de banana de Delfinópolis (MG) e do Vale do São Francisco (BA/PE) ampliaram os investimentos em 2016, cenário que pode se repetir em 2017. Na região mineira, a banana está sendo bastante rentável, favorecida pelos



**Marina Morato Jorge Nastaro (esq.) e  
Giulia Gobbo Rodrigues**  
são analistas de mercado de BANANA.  
Entre em contato: [hfbanana@cepea.org.br](mailto:hfbanana@cepea.org.br)  
Acesse: [hfbrasil.org.br/banana](http://hfbrasil.org.br/banana)

preços elevados e por ganhos de produtividade. Por outro lado, a falta de áreas próximas a represas para irrigação limita maior expansão. No Vale, houve a entrada de novos produtores, e outros substituíram parte do cultivo de outras frutas por banana, motivados também pelas altas cotações em 2016 e pelo retorno rápido. O preço médio da prata no Vale foi de R\$ 1,59/kg entre janeiro e novembro, alta de 57% frente aos mesmos meses de 2015.

### Preços da nanica superam os da prata no 2º sem

Desde setembro as cotações da banana nanica ultrapassam as da prata, o que ocorreu pela primeira vez em 2016. O im-

pulso veio da queda na produtividade da nanica em SP e SC, que manteve a oferta da variedade baixa no segundo semestre. Assim, outras regiões que produzem nanica em menor escala foram intensamente procuradas por compradores, reforçando a alta do preço. Dessa forma, a prata, que normalmente já tem menores valores no segundo semestre que no primeiro, devido à intensificação da colheita, ficou mais barata que a nanica. A maior diferença ocorreu em outubro, quando o preço da nanica atingiu R\$ 2,36/kg no Vale do Ribeira, 87% maior que o da prata no período.

### Exportações devem cair em 2016

As exportações de banana devem fechar 2016 em queda. De janeiro a novembro, foram enviadas 63,9 mil toneladas ao exterior, volume 14% menor que o do mesmo período de 2015. Embora os envios à União Europeia tenham crescido 8%, as exportações ao Mercosul caíram em maior proporção, devido aos preços elevados, principalmente na comercialização com a Argentina. De janeiro a novembro, foram exportadas a esse bloco 43,2 mil toneladas, quantidade 24% inferior à do mesmo período de 2015. No geral, as cotações internas estiveram mais atraídas que as externas, levando produtores de SC a priorizar as negociações domésticas.

## Estatística de Produção - Banana\*

\*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2015	2016	Varição (%)
Vale do Ribeira - Registro (SP) <sup>1</sup>	Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iguape, Iporanga, Itariri, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Pariquera-Açu, Pedro de Toledo, Registro e Sete Barras	25.000	25.000	0%
Norte de Minas Gerais <sup>2</sup>	Norte de Minas Gerais	12.900	12.900	0%
Delfinópolis (MG)	Delfinópolis	1.807	1.850	2,4%
Norte de Santa Catarina	Barra Velha, Corupá, Garuva, Guarimir, Jaraguá do Sul, Joinville, Luiz Alves, Massaranduba, São João do Itaperiú, Schroeder e São Francisco do Sul	22.270	22.270	0%
Bom Jesus da Lapa (BA)	Bom Jesus da Lapa, Mirorós, Sebastião Laranjeiras, Urandi, Ceraíma e Santa Maria da Vitória, Barreiras Norte, Barreiras Sul	8.500	8.500	0%
Outros Perímetros Irrigados da Bahia	Ibipeba, Coribe, Urandi, Sebastião Laranjeiras, Guanambi, Barreiras, São Desidério e Riachão das Neves	2.515	2.515	0%
Rio Grande do Norte e Ceará	Pólo exportador do Vale do Açu: Natal e Ipangaçu e Ceará: Limoeiro do Norte	4.926	3.500	-28,9%
Vale do São Francisco (BA/PE)	Juazeiro e Petrolina <sup>3</sup>	2.200	3.000	36,4%

<sup>1</sup> Os dados referem-se à área cultivada com média e alta tecnologia, características específicas do Vale do Ribeira (SP).

<sup>2</sup> Águas Vermelhas, Berizal, Capitão Enéas, Catuti, Claro dos Poções, Coração de Jesus, Engenheiro Navarro, Espinosa, Francisco Dumont, Francisco Sá, Gameleiras, Itacarambi, Jaíba, Janaúba, Mamonas, Manga, Matias Cardoso, Mato Verde, Mirabela, Monte Azul, Montes Claros, Nova Porteira, Novo Horizonte, Pedras de Maria da Cruz, Porteira, Riacho dos Machados, Rubelita, Salinas, Santo Antônio do Retiro, São Francisco, São João da Lagoa, São João da Ponte, São João das Missões, Varzelândia e Verdelandia.

<sup>3</sup> Houve revisão da área de 2015: passou de 1.500 para 2.200 hectares.

Fontes: Cati Registro/SP, Abanorte, Epagri, Coofrulapa e agentes de mercado consultados pelo Cepea.

# “BOLSO APERTADO” DO CONSUMIDOR MESMO COM OFERTA

## Números da UVA em 2016

**-19,3%**

**Queda na produtividade da niagara em Jales (SP) na safra (julho-outubro)**

**-10,6%**

**Redução na área de Marialva (PR) em 2016 frente 2015**

**-17%**

**Queda nas importações no 1º sem de 2016 (janeiro-junho)**

**+27%**

**Alta nas cotações da Itália embalada no Vale do São Francisco (janeiro-novembro)**

## Área com viticultura de mesa recua em 2016

A área total cultivada com uva de mesa deve encerrar 2016 em torno de 24 mil hectares, 3% inferior à de 2015, considerando-se as regiões acompanhadas pela equipe Hortifruti/Cepea. A retração ocorre principalmente no Paraná, dadas as sucessivas safras de baixa rentabilidade. Sem conseguir recuperar os prejuízos, produtores paranaenses se desmotivaram a investir na cultura. Em São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul (SP), a área também deve diminuir, refletindo os menores ganhos obtidos com a uva fina. Em Porto Feliz (SP), a redução se deve a um ajuste na área de niagara. Já no Vale do São Francisco (PE/BA), a área deve aumentar 2,6%, somando 12 mil hectares. Nas demais regiões, a estimativa é de manutenção de área em 2016. A estabilidade também é esperada para a uva industrial (37 mil hectares), concentrada no Rio Grande do Sul. Para 2017, as apostas iniciais são de retomada de investimentos em Pirapora (MG) e nova queda de área no Paraná.

## Frio estende calendário de colheita de Jales

A colheita de uva da safra 2016 na região de Jales (SP) começou em julho para a maioria dos produtores. Para alguns, porém, as atividades iniciaram com atraso. O frio intenso durante a brotação afetou algumas videiras, adiando a colheita daqueles produtores que tiveram que refazer as podas. Como resultado, a safra de Jales se estendeu até novembro – com pico de oferta em setembro e outubro –, havendo possibilidade de colheita pontual até fevereiro/17. De modo geral, a produtividade diminuiu 19,3% em relação ao intervalo de julho a outubro da safra passada. Houve também problemas

na fertilidade das gemas. O agravante foi o frio intenso no período de brotação das novas podas, fazendo com que as variedades Itália e Niagara ficassem com cachos menos fartos. As chuvas frequentes na região de Jales em setembro prejudicaram a qualidade das uvas que ainda estavam nos parreirais. As frutas colhidas no início de setembro apresentaram rachadura nas bagas, e produtores relataram perdas. A oferta restrita, por sua vez, elevou as cotações ao longo da temporada. Mesmo com aumento dos custos, a alta nos preços possibilitou rentabilidade unitária positiva. As margens, porém, foram mais estreitas, com a área devendo seguir estável em 2017. Em Jales, a variedade Niagara já representa 70% do cultivo, em função do menor custo de produção e dos preços favoráveis. Além disso, a fruta acaba sendo ofertada junto apenas com a de Pirapora (MG) e, na entressafra, com a das regiões de Campinas (SP) e de Rosário do Ivaí (PR). Ao mesmo tempo, as variedades finas não devem ser abandonadas pelos produtores locais devido ao mercado cativo.

## Safra de fim de ano do PR deve ter oferta limitada

Produtores de Marialva (PR) têm buscado substituir uvas finas por Niagara ou Nubia, no intuito de aumentar a rentabilidade. Essas variedades são menos exigentes quanto aos tratamentos culturais, e a Nubia, particularmente, é mais resistente ao míldio, doença que afeta a viticultura da região. Devido ao clima desfavorável neste ano, a produtividade média da uva Itália na safra temporária (abril a junho) de Marialva caiu 55% em relação à média de 2015, somando 8,1 t/ha. As cotações médias da variedade, ponderadas pela quantidade colhida por mês, ficaram 2% abaixo do mínimo estimado para cobrir os gastos

# LIMITA VALORIZAÇÃO DA UVA REDUZIDA EM 2016

**Laís Ribeiro da Silva Marcomini**

é analista de mercado de UVA.

Entre em contato: [hfuva@cepea.org.br](mailto:hfuva@cepea.org.br)

Acesse: [hfbrasil.org.br/uva](http://hfbrasil.org.br/uva)

com a cultura. Esse cenário levou produtores a reduzirem a área, que deve encerrar o ano 10,6% menor que a de 2015, podendo cair ainda mais em 2017. Para a safra de final de ano do estado do Paraná, o inverno rigoroso e mais extenso prolongou as podas, que ocorreriam entre julho e agosto, até setembro. Produtores que precisaram refazer as podas obtiveram baixa carga de frutas e muitos galhos. A estimativa é que apenas 10% das podas refeitas deem frutos que serão ofertados de novembro a dezembro. Além disso, algumas áreas já não foram podadas em decorrência dos prejuízos da safra temporã/16. Assim, a produtividade da temporada de fim de ano tende a ser inferior à esperada. Por outro lado, segundo alguns produtores, se os preços da uva se mantivessem elevados durante todo o período de colheita, os prejuízos poderiam ser amenizados.

## Oferta de uva foi muito restrita no 1ºsem

No primeiro semestre, a oferta brasileira de uva de mesa foi bastante reduzida, devido a problemas decorrentes do clima adverso (chuvas e frio) nas regiões paranaenses (Marialva, Norte do Paraná e Rosário do Ivaí) e paulistas (Campinas, Pilar do Sul e Porto Feliz), que inclusive antecipou o encerramento da temporã/16. No Vale do São Francisco (PE/BA), a disponibilidade foi ainda menor que a normalmente verificada nessa época do ano. As chuvas pontuais em janeiro no Vale levaram a perdas com podridão e rachaduras nas bagas. As variedades mais afetadas foram *crimson*, arra 15, Itália

e benitaka melhorada. Diante da falta de coloração e da menor resistência ao transporte, produtores preferiram comercializar a uva no mercado local, por meio de contentores. Nesse cenário de oferta restrita, as cotações poderiam ter alcançado recordes não fosse a demanda enfraquecida, reforçada pelos efeitos da crise econômica, entre eles a restrição orçamentária de consumidores.

## Importações brasileiras de uva caem em 2016

Dada a oferta restrita de uva no primeiro semestre (período de importação), as expectativas eram de aumento nas compras externas a fruta. Porém, foram adquiridas 22,8 mil toneladas de janeiro a junho, 17% a menos que em igual período de 2015, segundo dados da Secex. Os gastos com as aquisições da fruta reduziram 14,8% na mesma comparação, totalizando US\$ 37,2 milhões. Um dos motivos das menores compras brasileiras foi a quebra de safra de 9,4% no Chile, maior exportador de uva ao Brasil, de acordo com relatório do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos). As baixas temperaturas durante a primavera causaram abortamento da florada chilena, e as chuvas durante o verão elevaram a incidência de fungos. Além disso, inundações registradas em meados de abril afetaram áreas da região VI (O'Higgins), líder em exportação de frutas do Chile, que estava colhendo a variedade *red globe*. Esse cenário limitou os embarques chilenos, que se concentram entre março e abril.

## No Vale, Itália atinge altas cotações e exportações recuam

As vendas de uva estiveram aquecidas na região do Vale do São Francisco (PE/BA) ao longo do ano. A oferta restrita nas praças concorrentes, devido a adversidades climáticas, elevou a demanda pela fruta nordestina, impulsionando fortemente as cotações. Na média de janeiro a novembro, a Itália embalada foi cotada a R\$ 5,18/kg, alta de 27% em relação ao mesmo intervalo de 2015. Além disso, é no segundo semestre que o Vale envia outras variedades de uva à exportação, diminuindo a oferta no mercado interno. Ao contrário do esperado por agentes consultados pela equipe Hortifruti/Cepea, os embarques recuaram na parcial do segundo semestre. Embora tenha aumentado o número de empresas nacionais interessadas em retomar os envios de anos anteriores, principalmente à Europa, o atraso da temporada brasileira e a concorrência acirrada com outros países limitaram as vendas externas. Além da Grécia, que prolongou o fornecimento de uva à Europa, ofertando na mesma janela brasileira, o País concorreu também com a fruta chilena, que normalmente chega mais barata aos europeus por conta de impostos menores, assim como as uvas do Peru e da África do Sul. De setembro a novembro, o Brasil enviou 29,5 mil toneladas de uva fresca ao mercado externo, queda de 13% frente ao mesmo período de 2015, segundo a Secex. A receita somou US\$ 62,7 milhões, recuo de 12% em igual comparativo.

## Rentabilidade positiva deve motivar aumento de área mineira em 2017



Produtores de Pirapora (MG) devem aumentar a área cultivada com uva niagara em 2017, motivados pela rentabilidade positiva nesta safra. O preço médio da variedade foi de R\$ 5,17/kg de julho a outubro, 66% superior ao valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. A qualidade da fruta também foi satisfatória na região. A produtividade por outro lado, caiu. De julho a outubro, a média foi de 18 t/ha, queda de 17% frente à do mesmo intervalo de 2015. Apesar do forte aumento dos custos nos últimos anos, produtores continuaram investindo na troca de variedades finas por rústicas, menos exigentes em tratamentos culturais e de fácil adaptação ao clima da região.

## Rentabilidade apertada reduz área da viticultura paulista

A área cultivada neste ano nas regiões paulistas (Campinas, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Porto Feliz e Jales) recuou 6,3% em relação a 2015, soman-

do 7.591 hectares. Apesar dos resultados positivos nos últimos anos, os investimentos estão limitados devido aos custos em alta e à dificuldade de encontrar mão de obra. Além disso, a rentabilidade da uva fina diminuiu em 2016, sobretudo por conta da quebra na produtividade, que reduziu a oferta no primeiro semestre. O preço médio da uva itália em São Miguel Arcanjo (SP) foi de R\$ 5,37/kg de janeiro a março, valor 66% acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os custos unitários. Para o curto prazo, é esperada boa oferta e qualidade nas regiões que colhem a partir de novembro e seguem até 2017. Para a safra de fim de ano de Campinas e Porto Feliz, a colheita começou em meados de novembro, já que as podas de produção e tratamentos culturais se iniciaram em julho, terminando em setembro. Com um inverno favorável, a produtividade esperada para esta safra é um pouco maior frente à temporada/16, iniciada em maio e encerrada com menor rentabilidade. Em Campinas, por exemplo, a produtividade foi de 5,5 t/ha, praticamente a metade da do mesmo

período de 2015. Para 2017, essas regiões devem manter a área. Mesmo com rentabilidade pressionada na última safra, produtores ainda estão estimulados com a viticultura, principalmente por conta da boa expectativa quanto à safra de final de ano. Em São Miguel e Pilar do Sul, a safra única 2016/17 deve iniciar atrasada (segunda semana de janeiro) e se estender até meados de abril/17, já que as podas foram realizadas de julho a setembro e as temperaturas amenas em dez/16 não contribuíram para a colheita em período ideal. O pico de safra deve ocorrer apenas em fevereiro/17. Em São Miguel e Pilar, a área reduziu por conta dos altos custos. Exclusivamente em Pilar, produtores vêm trocando o cultivo da uva por outras frutas, devido aos prejuízos anteriores. A região, que produz majoritariamente variedades finas, mostra que produtores não têm interesse em mudar para a rústica, tendo em vista os elevados investimentos iniciais necessários e a previsão de aumento gradativo da oferta de niagara em São Miguel Arcanjo – região concorrente.

## ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - UVA\*

\*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são consideradas as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Variedade	Área plantada (ha)		
			2015	2016	Varição (%)
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA)	Petrolina e Juazeiro	uva fina	11.700	12.000	3%
Pirapora (MG)	Pirapora, Várzea da Palma, Buritizeiro e Lassance	uva fina e niagara	140	140	0%
Jales (SP)	Jales, Palmeira D'Oeste, Urânia e São Francisco	uva fina e niagara	701	701	0%
Pilar do Sul (SP)	Pilar do Sul	uva fina	600	480	-20%
São Miguel Arcanjo (SP)	São Miguel Arcanjo	uva fina e niagara	1.650	1.350	-18%
Campinas (SP)	Louveira, Indaiatuba, Jundiá, Campinas, Itupeva, Elias Fausto, Vinhedo, Itatiba, Monte Mor, Valinhos e Jarinu	uva niagara	4.503	4.500	0%
Porto Feliz (SP)	Porto Feliz	uva niagara	700	560	-20%
Paraná (total)	Região de Maringá com 29 municípios, região de Marialva, Cornélio Procópio e Ivaiporã	uva fina e niagara	4.500	4.346	-11%
Marialva (PR)	Marialva	uva fina	800	770	-4%
Região de Maringá (exceto Marialva)		uva fina	164	108	-34%
Região de Cornélio Procópio (PR)	Uraí, Assaí e Bandeirantes	uva fina e niagara	600	362	-40%
Região de Ivaiporã (PR)	Rosário do Ivaí	uva niagara	160	140	-13%
Outros municípios		uva fina e niagara	3.140	2.966	-6%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.



**Existem coisas  
que ficam muito  
melhores juntas.**

**Bayfolan**  
COBRE

Chegou a inovação  
que faltava para sua lavoura.

Bayfolan Cobre traz para sua lavoura os benefícios da sinergia dos aminoácidos e cobre em um único produto. Melhor eficácia nutritiva e absorção de nutrientes, deixando as plantas mais saudáveis para o máximo de resultados.

**Bayfolan Cobre.  
Plantas fortes e saudáveis.**



# Portfólio HF

## Carregado de soluções para múltiplas culturas em hortifrúti.



0800 0192 500  
 facebook.com/BASF\_AgroBrasil  
 www.agro.basf.com.br

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições no Estado do Paraná: Tutor<sup>®</sup> para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate, Cabrio<sup>®</sup> Top para alho. Registro MAPA: Cabrio<sup>®</sup> Top nº 01303, Dormex<sup>®</sup> nº 1095, Collis<sup>®</sup> nº 01804, Forum<sup>®</sup> nº 01395, Pirate<sup>®</sup> nº 05898, Nomolt<sup>®</sup> 150 nº 01393, Regent<sup>®</sup> Duo nº 12411, Heat<sup>®</sup> nº 01013, Cantus<sup>®</sup> nº 07503, Fastac<sup>®</sup> 100 nº 2793, Herbadox<sup>®</sup> 400 EC nº 15907, Orkestra<sup>®</sup> SC nº 08813 e Tutor<sup>®</sup> nº 02908.

**ATENÇÃO** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



### Produtos que contribuem para aumentar a qualidade e produtividade da sua lavoura.

Fungicidas	Orkestra <sup>®</sup> SC*	Inseticidas	Pirate <sup>®</sup>
	Cabrio <sup>®</sup> Top*		Regent <sup>®</sup> Duo
	Cantus <sup>®</sup> **		Nomolt <sup>®</sup> 150
	Forum <sup>®</sup>		Fastac <sup>®</sup> 100
	Collis <sup>®</sup>		
	Tutor <sup>®</sup>		
Herbicidas	Heat <sup>®</sup>	Regulador de Crescimento	Dormex <sup>®</sup>
	Herbadox <sup>®</sup> 400 EC		

\*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence<sup>®</sup>.

**BASF**  
 We create chemistry



# TAKAYAMA F1

A líder em confiança, agora tem nova embalagem.

**TOPSEED**  
*Premium*  
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

**Básica**

0000/2012 - DR/XXXXY

Cliente

...CORREIOS...

**IMPRESSO**

**Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ**

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



NOVA Imagem

Abóbora híbrida tetsukabuto

## TAKAYAMA F1

A abóbora japonesa mais cultivada em todo o Brasil está de cara nova, em uma embalagem mais prática e moderna:

- **Segurança para as sementes**  
Pacote aluminizado de alta qualidade e com zíper de fechamento.
- **Praticidade para o produtor**  
Embalagem mais leve e de fácil abertura.
- **Mais moderna e bonita**  
Maior destaque no ponto de venda.
- **Melhor manuseio**  
Caixa master agora com 20 unidades.

**TOPSEED**  
*Premium*  
TECNOLOGIA EM SEMENTES

24 2222-9000 | [www.agristar.com.br](http://www.agristar.com.br)



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP  
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)  
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829  
E-mail: [hfcepea@usp.br](mailto:hfcepea@usp.br)  
[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil)